R$15
Я
REVISTA REVESTRÊS
EDIÇÃO ASSIS BRASIL
#51
ZECA BALEIRO
DÉIA FREITAS
NEGRITUDE A PARTIR DOS CABELOS
ARQUITETURA DE ACÁCIO GIL BORSOI
www.revistarevestres.com.br

MIMBÓ CONECTADO

Ilustração

O Quilombo Mimbó, localizado na zona rural de Amarante, a 170 km de Teresina, ganhou o serviço de fibra óptica banda larga universalizado.

É o projeto Mimbó Conectado, do Governo do Piauí, que leva internet de acesso gratuito aos ambientes públicos, às casas de alunos e também garante os equipamentos para conectividade.

Todo professor, estudante acima de cinco anos e empreendedores virtuais foram contemplados com tablets. São mais de 600 pessoas conectadas com o mundo e tendo novas oportunidades de crescimento.

Piauí
GOVERNO DO ESTADO

EDITORIAL
POR ANDRÉ GONÇALVES

VOCÊ, DE ARACAJU OU DO ALABAMA

Já se foram – ou se vão – 51 entrevistas de Revestrés e uma coisa não muda: nossa incapacidade de nos mantermos livres dos impactos que essas conversas com pessoas tão especiais causam. Dessa vez, nosso papo é com Zeca Baleiro. Dizemos "é" porque é isso, mesmo: um papo (alguém nesse país ainda fala "papo"?) que segue em andamento. Foram duas horas on-line, e estão sendo dias e mais dias e mais dias com as palavras reverberando dentro da gente, e a vontade de fazer o que Zeca nos sugeriu ao final: tomarmos todos juntos uma cajuína e seguir conversando. Dentre as muitas falas e histórias contadas nesses cerca de 120 minutos mediados pela internet enquanto o país e o mundo desabam e renascem a duras penas, a frase que dá título à entrevista: "quero ser um velho leve, não quero ficar carregando uma corcunda de coisas e objetos". Zeca, sem saber, não apenas falou com sua sinceridade evidente: nos deu um sonho para carregar, ao invés de uma corcunda. Temos certeza de que você vai gostar, esteja em Aracaju, no Alabama ou sabe-se lá por onde andará.

A gente costuma dizer que a Revestrés vai se costurando à nossa revelia. Entra perrengue, sai perrengue, cai matéria, muda pauta, sobe matéria e, de repente, aí está ela. Costuradinha sem a gente pegar com muita certeza na linha e na agulha. Veja que na mesma edição em que entendemos com Zeca o que deve ser carregado pela vida, tem uma matéria com Jô, a vovó viajante, que colocou em prática o descarregar coisas e objetos das costas e foi correr o mundo. Se isso não é o universo aprontando das suas não sabemos mais o que pode ser. Conheça Jô, e aprenda com ela como ser viajandona de verdade – e feliz.

No meio do caminho dessa viagem, conheça um pouco da obra de Acácio Gil Borsoi, arquiteto referencial na arquitetura brasileira, e que construiu em Teresina e Brasil afora não apenas prédios importantes, mas um legado e uma história de respeito. Com concreto e leveza (olha ela de novo aí).

Como a gente gosta de fazer, mostramos também na edição 51 o patrimônio arquitetônico de Teresina recebendo vida, cor e arte: festivais e artistas transformando a paisagem urbana e o olhar das pessoas através de grandes murais, mensagens de resistência e retomada de memórias apagadas pelo tempo.

Resistências e memórias que ressurgem também na conversa com Déia Freitas, a podcaster que conta histórias e mistura ativismo, bom humor e se posiciona: "nunca fui neutra". Resistência e memória também marcadas nos cabelos trançados a afetos e à autoestima das pessoas negras, que se reconhecem e se posicionam no mundo, contra os preconceitos, assumindo-se belos e cuidando do que tem na cabeça - ao mesmo tempo, dentro e fora. Leia na reportagem *Trançando Afetos.*

Para fechar este texto – e não a edição, que tem muito mais - a leveza e o bom humor que vem do Ceará e quebra tabus – e deixa muita gente com água na boca: veja, na Gastronomia Revestrés, os crepes-xibatas que estão fazendo sucesso e divertindo muita gente.

É bem por aí, essa Réves 51. Que, além de tudo isso, ainda homenageia o gigante Assis Brasil, que fez história na nossa literatura e nos deu o presente de ser o primeiro entrevistado Revestrés, lá no já quase distante ano de 2012.

E a gente segue, tentando ter força e leveza e, principalmente, inteligência para seguir carregando só o que importa. Bora seguir conversando?

Vem que tem cajuína, Zeca.

SUMÁRIO

08 ENTREVISTA
Zeca Baleiro fala de música, do momento difícil do Brasil e de si: "Quero ser um velho leve. Não quero ficar carregando uma corcunda de coisas e objetos".

32 REPORTAGEM
Reinvindicação da negritude a partir dos cabelos: muito mais que estética, disputa de representatividade e reconhecimento.

30 HOMENAGEM
Assis Brasil: a despedida do escritor com mais de 130 livros publicados e vencedor de prêmios como o Machado de Assis (2004), da Academia Brasileira de Letras.

40 ENSAIO
"É verão o ano inteiro", por Dalila Coelho: a vida de sol a sol e a arte de construir um biquíni de fita.

48 ARQUITETURA
Acácio Gil Borsoi: de prédios modernistas a habitações sociais.

60 TIPOS
Jô Feitosa, a vovó viajante conheceu quase 50 países após a aposentadoria.

70 GASTRONOMIA
Humor e empreendedorismo: cearense vira sucesso com crepes em formato de... Veja você mesmo.

54 ARTE URBANA
Grandes murais e o poder de mudar a paisagem urbana.

64 BRASIL
Déia Freitas: a podcaster que não vai deixar de falar as coisas que acredita.

22 OPINIÃO
Por Dheiky do Rêgo M. Rocha

24 OPINIÃO
Por José Elielton de Sousa

26 OPINIÃO
Por Daiane Rufino

28 CRÔNICA
Por Rogério Newton

74 TRABALHOS NO SUBSOLO
Por Manoel Ricardo de Lima

76 FICÇÃO
Por Isaque de Moura

78 1O DICAS
Por Morena Caymmi

80 REVES DICAS
Para ler e ver

82 UM OUTRO OLHAR
Por Dudu Galisa

ARMANDINHO
POR ALEXANDRE BECK

FALA LEITOR

CAPA - MIKA

Facebook:

Shana Emanuelle Soares:
Uma capa mais linda que a outra.

Instagram:

@alanasantoart: Putz, que capa!

@girandoafetos: Tô toda arrepiada. Que sensacional!

@gomesparaguacu: A maior capa de todas!

@alliciansc: A maior na capa! @inraizada

@manuella.viegas: Está belíssima!

ENTREVISTA - NÊGO BISPO

Instagram:

@professoramariasueli: Maravilha de revista!

@negovaloficial: Essa entrevista foi transformadora para minha existência negra quilombola.

@fernandhia: Esse cara disse tudo!

@lisztfelix: uma paulada atrás da outra. Nêgo Bispo é o Brasil de verdade.

@ivy_sgomes: Descoberta incrível do meu dia, quem sabe até da vida! Viva Nêgo Bispo! Um saber impressionante que levanta tantas reflexões.

REPORTAGEM - PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO: CADÊ A CASA QUE ESTAVA AQUI?

Facebook:

Tony Markan
Surreal! Tudo virando estacionamentos. Povo sem memória.

Zenon Camêlo
Triste destino da nossa Teresina sendo destruída, uma cidade que vai ficando sem patrimônio histórico e sem memória.

Instagram:

@jimmy.cultura: Várias casas imensas e lindas e antigas estão à venda no centro. Não dá mais pra ficarmos parados vendo esse descaso e destruição.

@zequaresma: Não temos centro histórico, o município nunca se importou com isso.

TRABALHOS NO SUBSOLO - MANOEL RICARDO DE LIMA

@torquatoneto_pi : Incrível!

@solonliana : Grande Torquato, Grande Manoel.

REVESTRÉS
LITERATURA ARTE CULTURA E ALGO MAIS

Quimera

REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO
ASSIS BRASIL
ISSN 2238 8478 - N°51
Janeiro-Abril-2022

Uma publicação da:
Quimera – Eventos, Cultura e Editoração Ltda

ASSINATURAS, ANÚNCIOS, CONTATOS, E NÚMEROS ANTERIORES

Rua Arlindo Nogueira, nº 510 – norte, sala 204, Centro. Cep 64000-290 Teresina - PI

Telefone:
(86) 3011-2420 / 98884-7366
www.revistarevestres.com.br
revistarevestres@gmail.com
facebook.com/revistarevestres
twitter.com/@derevestres
instagram: @revestres

DIRETORES RESPONSÁVEIS
André Gonçalves
Wellington Soares

ADMINISTRATIVO
Adriano Leite

CONSELHO EDITORIAL
André Gonçalves
Luana Sena
Wellington Soares
Samária Andrade

REPÓRTERES
Aldenora Cavalcante
Luana Sena
Ohana Luize
Valéria Soares

EDITOR DE FOTOGRAFIA
Maurício Pokemon

DIREÇÃO DE ARTE
Área de Criação

IMPRESSÃO
Halley SA Gráfica e Editora

COLABORADORES#51

ALEXANDRE BECK / Armandinho
Catarinense, é formado em Agronomia e Comunicação Social. Trabalha como ilustrador e cartunista há mais de 15 anos. Seu personagem Armandinho surgiu em 2009 e, no ano seguinte, passou a ter espaço permanente como tira de jornal. Sucesso nacional, a página de Armandinho no Facebook tem, hoje, mais de um milhão de seguidores.

DAIANE RUFINO / Opinião
Professora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí. Doutoranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí.

DALILA COELHO / Ensaio
Fotógrafa e jornalista de Belo Horizonte. Dedica-se a fazer registros fotográficos documentais de movimentações autênticas das periferias da capital mineira, como forma de dar visibilidade para o que está sendo produzido nos bairros mais afastados da cidade. Em 2020, recebeu o Prêmio Décio Noviello de Fotografia e, em 2021, publicou pela Editora Tona seu fotolivro, intitulado BELEZA, que reúne as séries "É verão o ano inteiro" e "Rituais Estéticos da Periferia".

DHEIKY DO RÊGO MONTEIRO ROCHA / Opinião
Professor Doutorando em Linguagem e Ensino, área de concentração em Estudos Literários (UFCG); Mestre em Letras, área de concentração em Estudos Literários (UESPI); Especialista em Literatura Brasileira (UESPI).

DUDU GALISA / Ficção
Nascido em Timon (MA). É poeta, ativista cultural e literário. Ganhou em 2019, 1° lugar, o Prêmio de Poesia Novos Autores – Cidade de Teresina, com o livro *Olhos na Penumbra*. Foi um dos organizadores do sarau Flores Literárias, em Timon (MA), idealizado pelo notável poeta e letrista Salgado Maranhão.

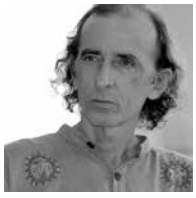
ISAQUE DE MOURA / Ficção
Nasceu em Teresina (PI), em 1992. Mestre em Literatura (Ufpi) e Bacharel em Ciência Política (Ufpi). É autor dos livros *No meio do tiroteio* (Ed. Kazuá, 2017) e *Morto, nada me faltará* (Ed. Penalux, 2021). Além de ficcionista, trabalha como servidor público federal.

JOSÉ ELIELTON DE SOUSA / Opinião
Doutor em filosofia pela Puc-RS e professor da Universidade Federal do Piauí

foto: Amanda Queiroz

MANOEL RICARDO / Trabalhos no subsolo
Professor de literatura, UNIRIO. Publicou, entre outros, *Xenofonte* [Cultura e Barbárie, 2021], *O método da exaustão* [Garupa Edições, 2020], *Pasolini: retratações* [7Letras, 2019, com Davi Pessoa], *Avião de alumínio* [Quelônio, 2018, com Júlia Studart e Mayra Redin], *Maria quer o mundo* [Edições SM, 2015, para crianças] etc. Coordena a coleção "móbile", de mini-ensaios, desde 2006 [Lumme Editor] e coordenou a edição da poesia completa de Ruy Belo no Brasil [7Letras].

MORENA CAYMMI / 10 dicas
Jornalista, escritora e fotógrafa do Piauí, morando há 10 anos em São Paulo. Desde 2018 ela é a coordenadora de hospitalidade e comunicação do restaurante de comida brasileira, Fitó.



ROGÉRIO NEWTON / Crônica
Cronista, poeta, romancista. Publicou *Ruínas da memória* (1994), *Pescadores da tribo* (2001), *Último round* (2003), *Conversa escrita N'água* (2006), *Grão* (2011), *No coração da noite estrelada* (2015) e *Crônica dos enigmas de Oeiras* (2017).

SALGADO MARANHÃO / Entrevista
Já ganhou vários prêmios literários (Jabuti, ABL e Pen Clube de Poesia). Seus poemas estão traduzidos em muitos idiomas (inglês, italiano, francês e alemão). Como letrista, tem gravações e parcerias com expoentes da MPB: Alcione, Elba Ramalho, dominguinhos, Paulinho da Viola e Zizi Possi. Livros publicados: Palávora, Mural dos Ventos, Sol Sanguíneo, A Cor da Palavra e o Mapa da Tribo, entre outros.

MÚSICA
ARTES PLÁSTICAS
FOTOGRAFIA
CARICATURA
ARTE SANTEIRA

Arte em abril THE-25 anos é uma edição mais que especial, pois apresentará de 1º a 30 de abril todo o talento fascinante dos artistas teresinenses na música, dança, fotografia, artes plásticas e caricatura. O evento, reconhecido como um dos maiores do estado, conduz a uma imersão em toda "teresinencidade" e diversidade cultural que só existe aqui.

artes em abril the
01 A 30/04

25 ANOS
TERESINA SHOPPING

ENTREVISTA ЯEVESTRÉS
ZECA BALEIRO

QUEM PARTICIPOU DESTA ENTREVISTA:

André Gonçalves
Escritor, cientista político, fotógrafo

Samária Andrade
Jornalista, professora da Uespi

Wellington Soares
Professor e escritor

Salgado Maranhão
Convidado Revestrés

"QUERO SER UM VELHO LEVE"

Aos 56 anos, Zeca Baleiro é compositor e cantor reconhecido e autocrítico feroz. Aponta as mazelas do Brasil atual, diz que todo mundo já pensou em parar e cita suas canções de sucesso que, hoje, considera estranhas ou imaturas. Bem humorado, reconhece que mudou ao longo do tempo e afirma que não quer carregar uma corcunda de coisas e objetos.

EDIÇÃO SAMÁRIA ANDRADE
FOTOS SILVIA ZAMBONI (DIVULGAÇÃO)

Aos 56 anos, Zeca Baleiro é compositor e cantor reconhecido e autocrítico feroz. Aponta as mazelas do Brasil atual, diz que todo mundo já pensou em parar e cita suas canções de sucesso que, hoje, considera estranhas ou imaturas. Bem humorado, reconhece que mudou ao longo do tempo e afirma que não quer carregar uma corcunda de coisas e objetos.

Quando tinha 22 anos ele fez o que muitos jovens gostariam: disposto a viver uma aventura, foi de São Luís a São Paulo com a namorada, a bordo de um Fiat Uno. O casal ia parando em várias cidades, se hospedando com amigos, conhecendo novos lugares. Teresina - Salvador - Arraial d'Ajuda - Belo Horizonte. "Foi uma saga que durou 20 dias. Chegamos em São Paulo com metade da casa dentro do carro e a outra metade indo por empresa de mudança. Era o sonho de fazer sucesso a qualquer preço", nos conta Zeca Baleiro.

José Ribamar Coelho Santos nasceu em São Luís por acaso - passou dois dias por lá e regressou com os pais para Arari, pequena cidade do interior maranhense, a 162 km da capital, com cerca de 30 mil habitantes. Viveu em Arari até os oito anos, quando se mudou com a família para São Luís. Mas em todas as férias escolares, e até à vida adulta, estava de volta a Arari. "O pessoal diz que sou metido a besta quando conto que nasci em São Luís. Então digo que tenho duas cidades natais. Meu coração é profundamente arariense. Tudo que você imaginar de uma infância no interior do Nordeste eu vi: cigano que rouba criança, a louca das trouxas, Curupira, Mãe d'água do outro lado do rio, Saci, Caipora - todo esse imaginário eu trouxe comigo".

E a Wikipédia avisa: Arari tem dois filhos ilustres: Zeca Baleiro e Raymundinho Furacão - humorista e digital influencer com mais de 150 mil inscritos no Youtube, que debocha das agruras do seu cotidiano. Zeca Baleiro tem pouco mais de 180 mil inscritos no Youtube. Ao contrário do conterrâneo, é discreto sobre a vida pessoal e usa o canal e as redes sociais para falar de trabalho. Nunca expõe a companheira Mara Fernandes, fotógrafa, e os dois filhos que têm juntos. "Nunca mostro meus filhos e jamais abriria minha casa para a revista Caras".

O apelido Baleiro vem do gosto por doces. Na faculdade de agronomia, sempre andava com balas nos bolsos. Também abriu uma pequena loja de doces na capital maranhense. Não concluiu o curso universitário nem se tornou um empreendedor das balas no Brasil. Mas virou artista multifacetado: é compositor e cantor, compõe trilha para teatro e cinema, escreve livros, apresenta programa de TV, excursiona pelo Brasil e o mundo, já ganhou vários discos de ouro: *Por Onde Andará Stephen Fry?* (1997), *Vô Imbolá* (1999), *Líricas* (2000), *Perfil* (2002), *Raimundo Fagner e Zeca Baleiro* (2003) – este último em parceria com o cantor e compositor cearense. "Hoje disco de ouro é uma coisa impensável: vender 100 mil discos! Não vende nem mil, nem cem!"

Atento às mudanças no mercado fonográfico, tem refletido sobre o mundo e, talvez, a gestação de uma nova humanidade. Diz que as plataformas digitais são incontornáveis e conta que tem escrito novos textos, mas não sabe se irá publicar suas divagações. Não se considera escritor – "Sou compositor: escritor de canções" – e diz que só publica quando acha que aquilo tem algum valor.

Confessa que já se perguntou se seu trabalho permaneceria: "Qualquer artista, não importa o tamanho, em algum momento tem dúvidas em relação à permanência de seu trabalho. Porque às vezes rola uma solidão, uma desolação, vontade de desacelerar, ou mesmo de parar. Todo mundo já teve…" E revela as músicas que hoje considera "imaturas" ou "estranhas". Aos risos, diz que as canções são dele e terá que assumi-las. E garante que as canta com gosto, mesmo as que não representam mais o homem que é hoje. "Tem coisas que não creio mais, foi um outro cara que escreveu e esse cara não existe mais".

Se diz realista, aponta que vivemos tempos difíceis, mas que é preciso manter a esperança. Mora em São Paulo e conversou por mais de duas horas com Revestrés pelo Meet. Suas falas são cheias de aspas, abrindo para frases em que cita interlocutores. É simpático e conta que quer se libertar de alguns pesos e ser uma pessoa mais leve. No aplicativo, seu nome é "José Snaid" - "Isso é uma longa história, depois eu conto", e complementou: "Cara, vocês vão ter trabalho na edição, porque gosto de falar e sou prolixo".

Zeca Baleiro é um contador de histórias.

“

MEU FIM DE ANO DE 2021 FOI NA CAMA, COM COVID. TINHA IDO AO MARANHÃO VER MEUS PAIS E PASSEI NATAL E ANO NOVO ISOLADO NUM HOTEL.

SAMÁRIA Você recusou rótulos que lhe atribuíram no início da carreira, como “nova MPB”. No entanto, reconhece pontos de contato entre seu trabalho e o de outros artistas de sua geração, como Chico César. Vocês não poderiam se beneficiar de uma formação coletiva?

ZECA BALEIRO Os movimentos coletivos têm uma importância e, ao longo da história, há casos delimitadores: Semana de Arte Moderna de 1922, poesia concreta, poesia marginal, Tropicalismo, Manguebeat, a geração rock… No mercado fonográfico isso aconteceu num tempo em que esse mercado ainda existia de fato. Quando você dá um nome pra uma turma que se agrupa de alguma maneira, seja por uma questão meramente geracional ou pelos pontos de contato entre os trabalhos, isso ganha força midiática. Mas a gente não tem esse perfil. Eu e Chico (César) tínhamos espírito muito livre, anárquico, então dificilmente a gente participaria de algum movimento. Mesmo tendo afinidades, era todo mundo muito no seu canto. A gente é uma geração pós-Manguebeat, apontada por trazer de volta à música popular brasileira um Brasil musical que ficou um pouquinho soterrado pelo auge do rock Brasil. Nos anos 1980, se você tocasse uma coisa tipo baião era meio ridicularizado. Hoje, veja você que ironia: é chique tocar baião! Naquele momento, mesmo a gente quis se aproximar do rock, não só musicalmente, mas na atitude. O Manguebeat foi uma coisa genuína, mas também impulsionada pelo mercado – que vive disso: criar novas cenas para alimentar o próprio consumo –, e acabou abrindo portas pra gente. Tem uma geração de nordestinos dos anos 1970: Fagner, Zé Ramalho, Belchior, Ednardo, Geraldo Azevedo, Alceu, Lenine - que começou a ter um reconhecimento mais popular a partir dos anos 90, quando foi criado um *boom* geracional que revelou essas figuras maravilhosas que somos nós (risos) – essas presepadas, diria meu pai.

SAMÁRIA Você dividiu apartamento com Chico César em São Paulo. Conte como foi essa fase.

ZB Quando me perguntam qual a coisa mais radical que fiz na vida, respondo sem pestanejar: dividir apartamento com Chico César (risos). A gente morou juntos por dois anos. Logo que cheguei em São Paulo, encontrei Celso Borges (poeta maranhense), grande parceiro, e ele me falou: ‘Você precisa conhecer um cara com quem vai ter afinidade: é o Chico César, compositor da Paraíba’. Chico ainda era um ilustre desconhecido, trabalhava como revisor da revista *Elle*. Por esforço de uns amigos, consegui agendar um show num bar na Pompéia onde se apresentavam Jorge Mautner, Tom Zé – era meio que um templo dos alternativos. Só que meu amplificador tinha pifado. Eu liguei pro Celso e ele: ‘Vou falar com aquele cara’. Eu e Chico César nos encontramos na avenida Paulista, na frente da Gazeta. Fomos até Santo Amaro, onde ele morava, numa edícula. Peguei o amplificador emprestado e já passamos aquela noite - e outras tantas - tocando violão. Já rolou ali uma admiração mútua. Cada um foi fazendo seu próprio caminho, até que, entre 1993 e 95, a gente dividiu um apartamento caótico na rua Heitor Penteado, bairro do Sumaré, quase Lapa. Foi um tempo muito bom, a gente era muito duro, tava naquela fase de buscar espaço, mas eram tempos felizes. Eu cozinhava, ele lavava os pratos. Pelo nosso apartamento passou muita gente bacana: Virginia Rosa, Mônica Salmaso, Tetê Espíndola, Itamar Assumpção, Paulo Lepetit, Tata Fernandes – era um ponto de encontro. A amizade com Chico permanece e hoje, curiosamente, a gente voltou a compor juntos, coisa que não fazíamos há muito tempo, e estamos preparando um CD em parceria.

ANDRÉ Seu primeiro disco gravado já alcançou grande sucesso. *Por onde andará Stephen Fry?* (1997) foi disco de ouro. Você fez essa letra antes de conhecer o ator, cineasta e comediante britânico. Como foi o contato de vocês depois da música gravada? E você sabe por onde anda hoje Stephen Fry?

> QUALQUER GOVERNO QUE SUCEDA A ESSE VAI TER UM TRABALHO IMENSO DE RESTAURAR TUDO O QUE A GENTE TÁ PERDENDO. É TERRA ARRASADA!

ZB Cara, até hoje tudo o que acontece com ele as pessoas me dizem: 'Zeca, viu que Stephen saiu do Twitter?', ' Zeca, cadê Stephen Fry?' (risos). No Carnaval de 95, eu tava em casa, lendo a *Folha de S. Paulo*, quando vi uma notinha de pé de página: 'O ator inglês Stephen Fry, conhecido no Brasil com o filme *Para o resto de nossas vidas* (1992), desapareceu depois de estrear uma peça e receber duras críticas na imprensa'. Ele abandonou a temporada, deixou colegas de produção e sumiu! Deve ter tido uma depressão. Eu achei aquela história curiosa porque é algo a que toda pessoa que se expõe está sujeita: tanto à crítica quanto ao surto. Eu tinha visto o filme e o nome dele tinha uma sonoridade que me levou pra uma coisa musical. Peguei o violão, quase como uma brincadeira, um exercício (faz gesto como se tocasse violão e cantarola): *Por onde andará Stephen Fry?* E comecei a gostar daquilo, uma melodia meio Elton John e, em 15 minutos, saiu a música - curtinha, despretensiosa, com um trecho em inglês, numa referência a origem dele. Quando fui gravar o disco pelo selo MZA, do Mazzola (ligado a grandes sucessos de nomes como Raul Seixas, Rita Lee, Belchior, Chico Buarque, Milton Nascimento, Ivete Sangalo), levei umas 25 canções - eu tinha muita música, naquele tempo só fazia isso. Mostrei essa música e ninguém ficou interessado. Tempos depois, um assistente do Mazzola me ligou: 'Olha, ouvimos melhor e a música tem uma melodia maravilhosa. Dá pra emplacar em novela se mudar a letra: em vez de por onde andará Stephen Fry, coloca por onde andará meu amor, ou meu coração.' Quando você tá ferrado como eu tava, precisando gravar, precisando de dinheiro, uma filha por nascer, você pensa em todas as possibilidades de como vender sua alma, né? Se aparecer um bom comprador, obviamente. Eu disse: 'Cara, peraí, isso me pegou de surpresa'. Desliguei o telefone, pensei cinco minutos e disse: 'Mas nem fodendo'. Retornei a ligação: 'Olha, ou a gente põe Stephen Fry ou não grava'. Aí eles não resistiram, disseram tá bom. Porque é um pouco assim: o cara bota uma pressão e, se você enfraquece, ele tripudia. O que aconteceu depois disso foi uma loucura! A música chegou aos ouvidos do próprio Stephen, eu mandei um disco autografado com uma dedicatória em inglês: 'Stephen, não desapareça de novo, nós lhe amamos'. Ele era um bom ator, ativista de causas ambientais e LGBTQIA+. Um jornalista da *Folha de S. Paulo* fez um bate-bola entre nós dois, ambos se fazendo perguntas, e isso teve uma repercussão inesperada: saiu no *The Guardian*, *The Independent*, *Eurochannel*. Me mandaram um vídeo em que ele dizia: 'I´m here, I'm here!'. Eu perguntei o que ele achou da música, e ele disse que era charmosa, tinha gostado, mas teve a sensação de que era prisioneiro de uma tribo canibal, ouvindo o nome em uma língua estranha, enquanto caminhava para o sacrifício. Ele é uma figura espirituosa e irônica. Tem um programa de entrevistas no Youtube e uma das proezas dele foi, em 2012, fazer uma entrevista com Jair Bolsonaro, na época um emergente político da extrema direita. Sthephen veio ao Brasil fazer matéria sobre crimes homofóbicos e entrevistou o cara que era sabidamente homofóbico. Na entrevista, Bolsonaro dá umas risadas bestiais e depois Stephen fala que foi a entrevista mais bizarra que já fez na vida. No final, Stephen aparece sentado numa cadeira de praia, lamentando o destino que o Brasil parecia estar tomando: se convertendo de um país sensual, tropical, musical, elegante, pra uma coisa obscurantista, neopentecostal. Foi há 10 anos. E foi profético!

WELLINGTON Você já disse que esse é um dos piores momentos pelos quais passa a cultura brasileira, com desmonte em várias áreas. Alguns artistas têm se posicionado em shows e redes sociais. Você acha isso suficiente? Os artistas brasileiros não poderiam estimular uma ação maior?

ZB Algumas coisas têm sido feitas. Há pouco mais de um ano houve uma convocação encabeçada por Márcia Tiburi e outras pessoas, e reunimos uns 30 artistas, pensadores,

> CANTAR COM GAL COSTA FOI A REALIZAÇÃO DE UM SONHO! HOJE ACHO ESSA MÚSICA (*FLOR DA PELE*) ATÉ IMATURA, FRACA.

jornalistas: Paulinho Moska, Zélia Duncan, Chico César, Mônica Salmaso, Juca Kfouri, Leonardo Boff. A ideia era fazer um movimento que saísse às ruas. Mas, com pandemia em alta e vacinação em baixa, decidiu-se que não era o momento. Nada é igual a quando o povo toma as ruas e pede a cabeça de um governante. Meu fim de ano de 2021 foi na cama, com Covid. Tinha ido ao Maranhão ver meus pais e passei Natal e ano novo isolado num hotel. Então o que pode ser feito, tá sendo feito aqui e ali. Em julho de 2021, um grupo de produtores e atores de teatro me chamou, e eu e o poeta Joãozinho Gomes fizemos a música *Desgoverno* – "Um homem sem juízo e sem noção, não pode governar esta nação". Várias vozes cantaram e isso foi levado ao Congresso Nacional, num ato virtual transmitido pelo Youtube, junto com um abaixo assinado com 30 mil assinaturas de artistas e ativistas sociais, pedindo o *impeachment*. O que acontece é que hoje a comunicação está muito fragmentada, não tem mais um *Jornal Nacional*, o mundo se expandiu de tal maneira que as coisas acontecem e as pessoas nem ficam sabendo. E há também uma rendição das forças que a gente supõe democráticas, como o Congresso. Tá tudo meio submisso a esse governo. Então é difícil qualquer atitude, mas a gente faz, porque entende que isso tem um peso simbólico, e água mole em pedra dura bate até que cria uma fenda. A essa altura do campeonato, um *impeachment* já até embolaria a cena política. É melhor deixar que o cara sangre e venha um novo governo, embora a gente saiba que eles não vão largar o osso com facilidade, a guerra vai ser suja. Que país sobrevive sem um Ministério da Cultura? A cultura não é só patrimônio intangível, é também responsável por movimentar a economia, empregar milhares de pessoas. Quando começou essa negação à cultura eu pensava que era só ignorância, coisa de gente nó cega, burra, estúpida. Depois entendi que é um projeto de extermínio das forças culturais, porque sabem que o artista tem influência. O senso comum faz parecer que cultura é só o produto: o livro, o show, o espetáculo, o cinema – mas é toda uma cadeia produtiva e de conhecimento em constante movimentação - isso aqui que a gente tá fazendo é cultura! E a cultura é irmã da educação. Por isso o desmonte é grande nesses dois setores. Qualquer governo que suceda a este vai ter um trabalho imenso de restaurar tudo o que a gente tá perdendo. É terra arrasada! Tá difícil produzir.

ANDRÉ Numa entrevista ao *Brasil de Fato* você falou que o dinheiro venceu. Isso me pareceu um pouco pessimista…

ZB Mas eu sou pessimista (risos). Tem um conceito genial do Ariano Suassuna: "O otimista é um tolo, o pessimista, um chato, bom mesmo é ser um realista esperançoso". Eu me identifico com isso.

ANDRÉ Por outro lado, na música *Depois do Fim*, composta por você e Wado, há um verso que diz: "Sei que, depois do fim, tem uma outra estação" – isso já me pareceu otimista. Como você tem transitado entre o otimismo e o pessimismo?

ZB Sempre fui um pouco trágico, acho que o pior vai acontecer. Ou um realista – sei que não há mágica, não vai ficar bom da noite pro dia. Mas alimento esperanças, porque a vida sem esperança é um inferno. Esses sábios ditados populares – "A esperança é a última que morre", "Quem espera sempre alcança" – podem ser um pouco ilusórios, românticos, utópicos, mas é necessário crer que algo vai sempre melhorar ou a gente entra numa depressão profunda e numa inação. É a esperança que nos mantêm acesos. Mas eu tenho muito o pé no chão. Acho que os fazedores de canções, na pandemia, mais do que nunca, aprenderam a manter a esperança, mesmo que fosse alguma coisa metafórica, como esse verso, que soa filosófico: "Depois do fim virá uma nova estação" – e nem se trata de política, mas de um estado anímico do mundo. Basta ter um pouco de lucidez pra saber que nada tá muito bom. Sua vida pode estar boa, seu casamento, sua relação com filhos, amigos, algum plano pessoal, mas o

mundo não tá! E eu acho que a felicidade é um projeto coletivo. Eu não posso estar feliz, rico, maravilhoso, fazendo tratamento de pele, banho de sais, quando na minha esquina têm pessoas dormindo ao relento. Isso não é um pensamento cristão e caridoso - é uma consciência de que a felicidade deve ser de todos ou o mundo não tem paz. Então sou otimista nos meus projetos pessoais e pessimista numa perspectiva global. Eu nem vivo mais no mundo, vivo num universo particular - tenho um pouco esse privilégio, pelo trabalho que realizo. Não preciso sair de casa todo dia, pegar *rush*. Claro, tenho as agruras de nossa vida de artista tupiniquim.

SAMÁRIA Seu trabalho sempre teve crítica social, mas também ironia e bom humor. Nesse momento você tem cantado letras mais duras, irritadas. Em *Sangue* (letra de Arnaldo Antunes e música de Chico Salém) você canta: "Sangue não comove mais o povo brasileiro". Esse tipo de canção é um reflexo do tempo em que vivemos?

ZB A letra de *Sangue* não é minha, mas assino embaixo de tudo que ela diz. A gente vai vendo tanta desgraça que vai banalizando. Se fosse chorar por cada tragédia durante essa pandemia… Às vezes - me perdoem - a gente tem que se alienar um pouquinho. Teve momentos em que falei: preciso me ausentar do noticiário pra respirar. O sofrimento dos outros vai trazendo sensação de claustrofobia. E sou claustrofóbico de fato, daqueles que fogem de ressonância magnética, apertam o botão antes do exame acabar, 'Moço, me tira daqui, pega na minha mãozinha'. Acho que você tem que cantar a esperança, mas que as verdades, mesmo as mais duras, têm que ser ditas. E a nossa autocrítica deve apontar que vivemos um tempo de muito narcisismo, potencializado pelas redes sociais. Têm pessoas morrendo, chacinas, o pesadelo da Covid, e outros ostentando riqueza, alegria. É uma falta de sensibilidade social.

> "TÔ FICANDO VELHO E QUERO SER UM VELHO LEVE, NÃO QUERO FICAR CARREGANDO UMA CORCUNDA DE COISAS E OBJETOS.

SAMÁRIA A música que lhe projetou nacionalmente foi *Flor da Pele*, que você gravou primeiro e depois fez um dueto com Gal Costa. Como foi gravar com Gal e como você lidou com o sucesso que alcançou?

ZB *Flor da Pele* é uma música que fiz quando tinha 22 anos, morando em São Luís, tomado por uma paixão cuja trilha sonora era *Vapor Barato*, de (Jards) Macalé e Waly Salomão. Quando compus, copiei os acordes de *Vapor Barato* – não é plágio, pois a melodia é bem diferente. Ao gravar, sampleei a voz da Gal cantando "Minha honey baby", que é uma coisa emblemática da música brasileira. Ela ouviu no rádio e ficou emocionada. Eu já me senti recompensado ao saber disso. Aí, quando ela foi fazer o *Acústico MTV* rolou o convite e fiquei muito feliz e muito nervoso. Cantar com a Gal é cantar com a Gal, né? Nos bastidores estávamos eu, Frejat, Luiz Melodia, Herbert Vianna. O Herbert, suando em bicas, e alguém perguntou: 'Você tá nervoso?', e ele: 'Pra cacete! Vou cantar com a maior cantora do Brasil!'. Eu disse: 'Bicho, imagina eu?!'. Mas tomei uns dois whiskinhos pra ficar numa temperatura boa e rolou uma química legal. Acho aquela gravação realmente muito bonita. E, pra mim, foi muito importante, porque eu tava com um disco que começava a ganhar espaço, matéria na *Veja*, mas aquilo me catapultou a um outro lugar. O disco da Gal foi bem sucedido e estimulou a venda do meu. Acabei ganhando outro Disco de Ouro. Hoje isso é uma coisa impensável: vender 100 mil discos! Não vende nem mil, nem cem – as pessoas não compram mais discos. Muita gente usufruiu bastante daquela estrutura do mercado fonográfico. Mas, além do sucesso comercial, para mim cantar com a Gal foi a realização de um sonho! Guardo esse momento com carinho. Hoje acho essa música até imatura, fraca, mas não posso deixar de cantar nos shows, porque as pessoas amam.

SALGADO MARANHÃO O mercado fonográfico está muito mudado. À parte certo nicho retrô, com o vinil, a música tem perdido fisicalidade dia após dia. O CD já está quase no fim.

> AS PLATAFORMAS DIGITAIS PAGAM UMA MIXARIA. TENHO UMA MÚSICA QUE É UMA DAS 20 MAIS TOCADAS NO BRASIL – *TELEGRAMA* – E ESSE FONOGRAMA NÃO ME PERTENCE.

Qual será o futuro da execução da música além das plataformas, pode ser o holograma?

ZB Eita! Já fui um pouco resistente às plataformas digitais. Elas são um pequeno milagre: você escolhe o artista, vai lá e tem quase toda a discografia. Então, como material de trabalho, pesquisa e usufruto pessoal, é maravilhoso! Mas sou um romântico com essa coisa do formato físico, adoro vinil, tenho mais de mil, vivo comprando, não tenho mais onde guardar. Já pensei em digitalizar e doar, porque tô ficando velho e quero ser um velho leve, não quero ficar carregando uma corcunda de coisas e objetos. Prezo o encarte, saber quem tocou o baixo, guitarra, percussão, quem fez arranjo de cordas, vocais. Pras novas gerações, não faz a menor diferença. Também cultuo a qualidade do som. Ouvir música no celular é prático, mas fica um sonzinho achatado, não tem médio, agudo, grave. Meus vinis estão aqui, embora eu só ponha quando vem um amigo almoçar, e aí o tempo fica diferente. De vez em quando boto na hora do almoço pros filhos ouvirem, e é um deleite. Hoje se ouve menos CD do que vinil, porque o vinil voltou a ficar forte e o CD já não tem mais nem onde ouvir. As poucas fábricas de vinil no Brasil estão dando prazo de seis meses a um ano pra um disco ficar pronto. Sobre a fisicalidade – como Salgado fala, dando mostras da sua verve poética – é uma luta perdida. As pessoas vão ouvir mesmo esse sonzinho comprimido no celular, porque a praticidade hoje conta muito. Eu lamento e continuarei a lançar discos, porque dou valor à narrativa do vinil. Alguns artistas, inclusive, proíbem a plataforma de fragmentar o disco, de colocar em playlist, porque entendem que a sequência de canções tem uma proposta narrativa.

SAMÁRIA Recentemente Neil Young se posicionou contra o Spotify por este dar espaço a conteúdo antivacina e, quando ameaçou tirar suas músicas, o Spotify preferiu ficar com o conteúdo negacionista. O artista está refém do poder das plataformas?

ZB A gente tá vivendo um tempo estranho e, num plano geral, tende a piorar. A própria explosão negacionista é um sintoma de um quase surto coletivo. Temos o maior número de informação possível, as pessoas têm acesso a textos científicos, literários, teses filosóficas, o escambau, e nunca o mundo foi tão coletivamente burro! As plataformas são incontornáveis – se você não está ali, você não existe. Andei conversando com programadores, pensando em criar uma plataforma minha. Mas isso exige muito dinheiro e tempo - duas coisas que não tenho. O Spotify demorou mais de uma década para se consolidar. Mas você não pode ficar totalmente refém das plataformas, tem que diversificar: lança o trabalho lá e faz outros formatos - um livro com as letras, um tratamento gráfico bonito, um link. Pendrive é anacrônico, né? Tenho um amigo que fala: 'Alguém precisa ser anacrônico, Zeca, não tem como todo mundo estar *up to date* ao mesmo tempo!'. Talvez a gente tenha que fazer algumas experiências, correr o risco de pequenos fracassos, um disco que não dá em nada, um disco-livro com noite de autógrafo. Além disso, as plataformas pagam uma mixaria. Tenho uma música que virou megahit, uma das 20 mais tocadas no Brasil hoje – *Telegrama*. Pedrinho, filho do Celso Borges, falou: 'Pai, o Zeca deve tá rico!'. Quem tá rico é o dono da gravadora, porque esse fonograma pertence a ele, eu recebo os royalties da composição. Tô preparando discos de releituras de minhas próprias músicas pra que eu detenha o fonograma. Naturalmente essas novas gravações não vão chegar facilmente a milhões de views. *Telegrama* completa 20 anos em 2022 e é muito tocada pelo acúmulo da popularidade ao longo do tempo. E é uma música que acho até um pouco estranha, mas enfim, as pessoas cantam e ela tem mais de 60 milhões de visualizações só no Spotify.

ANDRÉ Sua origem é no teatro infantil. Você vem retomando esse público, com espetáculo dirigido a crianças e também está na trilha da animação *Tarsilinha*, sobre o universo modernista da pintora Tarsila do Amaral (Célia Catunda e Kiko Mistrogiro, 2022. Os mesmos são responsáveis

por *Peixonauta* e *Show da Luna*). Como é a sua relação com o público infantil e como foi musicar esse filme?

ZB Com 17 anos, sem saber muito bem que direção tomar e sem muita desenvoltura, fui um adolescente bastante tímido, entrei num grupo de teatro e aquilo me abriu alguns portais. O diretor me deu logo uma função: 'Você vai compor as trilhas e fazer direção musical'. E eu: 'Rapaz, eu não sei se sei fazer isso, não'. Hoje sou muito grato porque ele realmente me colocou num bom lugar. Era um teatro amador, mas fizemos vários clássicos e tinha um capricho. E aquilo me deu certa cancha e comecei a compor minhas próprias músicas. Depois queria virar um performer, o cara que canta e toca, e deixei a faceta infantil pra trás. Quando cheguei em São Paulo, fui convidado por amigos recém conhecidos a fazer a trilha de um espetáculo infantil. Aí a criação para crianças, que eu sempre gostei, voltou à tona. Depois vieram os filhos, em 1998 e 2000, e aquilo me encheu de poesia. Eles falavam coisas super poéticas, um certo estranhamento com o mundo, próprio da visão das crianças. Viajando de avião, meu filho pequenininho disse: 'Pai, olha uma árvore de nuvem'. Achei lindo e fiz uma música! Fiz dois discos com canções que compus pra meus filhos dormirem e tenho material para um terceiro. Há pouco tempo criei um show pra crianças e foi a *live* que mais fizemos na pandemia. Aí apareceu o convite de fazer *Tarsilinha*, uma animação maravilhosa, realizada por animadores incríveis e uma super equipe, com gente do mundo todo, um projeto arrojado, os cenários são todos telas de Tarsila do Amaral. Zezinho Mutarelli me chamou: 'Ô, Zeca, a trilha é imensa, quero que você me ajude e componha a canção do final'. Fiz um baião com uma pequena alusão a Villa-Lobos e chamei Ná Ozzetti pra cantar comigo. Fico felizão.

WELLINGTON Você é filho de dois professores: seu pai, professor de biologia, e a mãe, de gramática. De que modo eles influenciaram sua carreira artística e sua vida?

ZB O ambiente familiar em que nasci e vivi a infância foi o responsável pela pessoa que sou. Meu pai é um homem dos livros e minha mãe da canção. Ela punha a gente pra dormir cantando Noel Rosa, Lamartine Babo, Herivelto Martins, Ismael Silva. Hoje tem 92 anos, está com Alzheimer e já não se comunica com o mundo. Mas até quatro anos atrás eu passava a tarde com ela cantando: puxava uma parte da música, ela lembrava a outra. Meu pai recitava Catulo da Paixão Cearense, minha mãe recitava Augusto dos Anjos, Olavo Bilac. Meus irmãos mais velhos tocavam e minhas irmãs cantavam. Tivemos um ambiente em que as festas eram divertidas, cheias de poesia e música. Meu pai sempre gostou de literatura e continua a ler, aos 99 anos. Outro dia ele tava lendo *Drácula de Bram Stoker*, um calhamaço (580 páginas). Meu pai era bravo, quase impunha que a gente lesse, achava que ler forma não só culturalmente, mas forma o caráter. Li todos os clássicos e li menos que meus irmãos. O autor que mais tinha na prateleira de casa era o poeta José Chagas, do clássico *Maré Memória*, que construiu toda uma obra falando de palafitas.

WELLINGTON Seu último livro publicado foi em 2015. Sou um leitor de suas crônicas. Quando você vai publicar um novo livro?

ZB Não me considero escritor. Vejo biografias de colegas que se dizem compositor, músico, instrumentista, produtor e escritor - cara, só falta ser motorneiro de trem! Sou compositor: escritor de canções (fala com ênfase). Embora meu primeiro ímpeto tenha sido escrever, tinha um bom texto e o apoio da família, o que gosto mesmo e acho que sei fazer é escrever canções. As crônicas foram uma casualidade. Acabei recebendo convite da Isto É depois que eles leram um blog meu, mas eu não tinha pretensão nenhuma de fazer livro. Escrever, pra mim, é um exercício de organização do pensamento – que é caótico por natureza. Então escrevo sempre. E tenho escrito algumas coisas sobre esse momento de música versus tecnologia, novos comportamentos que as redes sociais têm feito surgir, nova psiquê humana em gestação, talvez até uma nova humanidade. Mas não tenho intenção de fazer nada pretensioso, um ensaio antropológico, até porque não tenho autoridade e formação pra isso. São divagações, filosofia de botequim. Se isso vai resultar num livro, não sei.

> “
> NÃO ME CONSIDERO ESCRITOR.
> O QUE GOSTO MESMO E ACHO QUE SEI FAZER É ESCREVER CANÇÕES.

> QUALQUER ARTISTA, NÃO IMPORTA O TAMANHO, TEM DÚVIDA COM RELAÇÃO À PERMANÊNCIA DE SEUTRABALHO. ÀS VEZES ROLA UMA SOLIDÃO, UMA DESOLAÇÃO,VONTADE DE DESACELERAR OU MESMO PARAR. TODO MUNDO JÁ TEVE...

Sou muito autocrítico, então, pra publicar, tenho que tá muito ciente de que aquilo tem algum valor.

SAMÁRIA Você tem um livro que se chama "A rede idiota". Qual a sua relação com as redes sociais?

ZB Tenho uma relação sóbria. Recentemente, quando meu pai completou 99 anos, super forte, lúcido, fiquei resistindo a publicar isso. Não gosto de misturar vida profissional com pessoal, tenho um escrúpulo meio besta, meio interiorano, nunca expus meus filhos. Apesar de ser músico, cantor e compositor – estar numa certa prateleira –, tenho um procedimento um pouco *low profile*. Não abriria minha casa pra revista Caras. No dia do aniversário de meu pai, resisti até que meu irmão falou: 'Pô, Zeca, é um acontecimento, nosso pai!'. Aí, no final da noite, postei. Foi uma loucura, quase 20 mil visualizações imediatas, as pessoas comentando. Mas trato as redes sociais como espaço profissional, falo de lançamentos, uma música que gravo, um projeto novo -, e pessoal no plano do pensamento, de partilhar uma inquietação existencial, política, social. Tem gente que fica postando almoço na piscina, não vejo sentido nisso. As redes sociais são também uma armadilha.

WELLINGTON Tivemos a ditadura civil-militar-empresarial dos anos 1960-1970, um período muito triste da nossa história, com torturas, censuras, assassinatos. Algumas obras recentes abordam os dramas desse período, como o filme *Marighella*, de Wagner Moura (baseado em livro de Mário Magalhães) e o documentário sobre Nara Leão, na Globo Play. Marighella achava que o enfrentamento deveria se dar por meio da luta armada e Nara Leão, por meio da música e posições políticas. É papel do artista engrossar o coro de luta contra fascismos?

ZB É papel de qualquer cidadão. O cara pode ser advogado, dentista, cabeleireiro. Naturalmente, o artista tem uma voz pública, pode ser influente, ter dimensão popular e alcance imensos. É bonito quando a gente vê o cara do lado certo da história, lutando a luta justa, contra autoritarismo, repressão, censura. Mas ter atitude cidadã independente de você ser artista. Obviamente se cobra mais do artista. Eu não cobro ninguém. Já se cobrou de Roberto Carlos uma postura que ele nunca teve e posso gostar da música dele, mesmo achando ele um alienado político. Naturalmente minha admiração por Nara Leão, por Gonzaguinha, talvez seja maior, porque, além de grandes artistas, eles foram combativos. Não me considero militante nem ativista de nada. Me considero um cidadão que deseja justiça. Acho que essa postura é anterior e eu agiria contra injustiças sendo um dentista ou um jogador de futebol.

WELLINGTON Algumas pessoas falam de Nordeste ou nordestinidade como algo homogêneo ou uma possível forma que integra os nove estados nordestinos. Ao mesmo tempo, esses estados são muito separados. Em termos culturais, muita coisa acontece num estado e o outro nem toma conhecimento. Como você vê essa ideia de nordestinidade?

ZB Isso é uma questão imensa que daria uma nova entrevista (risos). Tem um disco recente de Juliana Linhares, cantora de Natal, muito talentosa, do qual eu participo. O disco se chama *Nordeste Ficção*, que é uma coisa que tá na letra de Belchior: "Nordeste é uma ficção, Nordeste nunca houve" (*Conheço o meu lugar*). Tem também a tese do professor Durval Muniz, *A Invenção do Nordeste*, sobre essa nação cultural inventada por Luiz Gonzaga, os romancistas dos anos 1930: Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, José

Américo de Almeida, até chegar nesse caldo que temos hoje e que faz crer nesse Nordeste integrado. Mas, se você for ver, Piauí e Sergipe têm pouquíssimas coisas em comum. Maranhão e Bahia, além da população negra, valorização da música e dança, têm pouco em comum. Isso é uma fantasia! Bonita de se crer e que culturalmente nos legou coisas maravilhosas, mas eu não sei se isso existe de fato e se é genuíno falar em nordestinidade. O Maranhão, sozinho, já é muito diverso: em vegetação, comidas, sotaques… Então você pensar que nove estados têm uma identidade comum?! É verdade que têm pontos de contato e deveria haver maior interface. Maranhão e Piauí são muito próximos geograficamente e têm algumas trocas. Acho que a música do Piauí foi influenciada pela do Maranhão mais do que o contrário. Vejo compositores do Piauí fazendo coisas que se assemelham a bumba-meu-boi, que não é originalmente da cultura popular do Piauí…

WELLINGTON Olha, aqui se diz que o bumba-meu-boi é do Piauí e os maranhenses levaram.

ZB Pois então o Maranhão roubou e aprimorou (risos). Pode ser verdade, nem sempre o criador é o cara que melhor desenvolve a coisa. Mas há muitas trocas culturais possíveis entre Piauí e Maranhão e seria bom, pra todo mundo, que elas aumentassem. Fortaleceria a cena.

ANDRÉ Você ainda não contou o porquê do nome José "Snaid"...

ZB Essa é uma boa história. Meu pai é filho de imigrantes sírios. Ele e minha mãe são de Arari, eu nasci em São Luís por acaso. Passei toda a infância, até os oito anos, em Arari. Só saímos de lá em 1974, fugidos da enchente. E isso é curioso porque o imaginário da seca está na canção e na literatura nordestina e, pra mim, ele não existe. Nunca vi seca, só enchente. Minha cidade enchia a ponto das canoas entrarem pelas janelas das casas, a gente ficava nos jiraus, pescando piabas. Nossa casa ficava a 30 metros do rio Mearim, que tem proporções amazônicas. As cidades da baixada maranhense foram povoadas por sírios e libaneses no começo do século 20, que vinham numa aventura de melhorar de vida. Meus avós chegaram em Recife, acharam a cidade grande demais e continuaram no navio Nordeste acima. Chegaram a São Luís, uma metrópole! Foram bater em Arari. Lá se estabeleceram, abriram uma lojinha. O sobrenome deles era Snaid. Ao se registrarem no cartório de Arari, o tabelião, semianalfabeto, não sabia escrever. Eles, analfabetos no português, não sabiam dizer. Aí alguém deu a solução: 'Vamos botar Santos e está resolvido!' Aí ficou Santos. E a família tem certa mágoa de ter abandonado a ascendência síria - que hoje nem é mais digna de nota, a Síria é um país devastado, infelizmente. Ficamos Santos, e eu salvei o sobrenome Snaid, pelo menos no email, pra brincar um pouco.

ANDRÉ Tenho uma questão pessoal, mas deve representar muita gente. Eu e Samária vamos fazer 15 anos juntos e, na nossa primeira viagem, um réveillon em São Luís, fomos assistir um show seu na praia. O show foi maravilhoso, mas tinha muita gente, não tinha táxi pra voltar ao hotel e fizemos o percurso quase todo a pé. Isso virou uma história nossa. O que quero dizer é: como artista da música, você certamente faz parte das histórias de muita gente. Como é saber que algumas canções suas podem ter significados importantes na vida das pessoas?

ZB Meu pai era fã de Josué Montello, baita escritor maranhense subestimado, e lembro de meu pai tietando Josué Montello na sorveteria do Bar Central, local histórico no centro de São Luís. Foi a única vez que vi meu pai paparicando alguém. Porque ele era um cara interiorano, reservado. Eu ouvi ele dizer baixinho: 'Ô, sou um admirador seu'. Eu era criança e fiquei tocado. Desde ali percebi a importância que os criadores podem ter na vida do povo. À medida que envelheço, vejo caras e mulheres de 30 anos dizendo: 'Eu vi o senhor a minha infância inteira'. Quando me chamam de tio, digo 'tio é o cacete!' (risos). A gente ri, mas é um sinal de sobrevivência nossa e de permanência na vida das pessoas. Gravei um programa pra HBO e na equipe havia dois rapazes que me contaram: músicas minhas eram temas dos casamentos deles. Eu disse: 'Pô, tô me sentindo o Santo Antônio da música popular brasileira'. Brincadeiras à parte, isso é bonito: você saber que as pessoas se apaixonam - ou se separam - ao som de sua música. Isso envaidece e alegra a gente. Porque qualquer artista, não importa o tamanho, em algum momento tem dúvida com relação à permanência de seu trabalho. Acho que isso pode ter acontecido até com, sei lá, Dostoievski, Dylan Thomas, porque é inerente à criação. E no caso da música popular as coisas se sucedem numa velocidade grande, um cantor, novo hoje, dois anos depois já será veterano ou esquecido. Então essas manifestações dão conforto: ufa, acho que minha música vai ficar para algumas pessoas. Porque às vezes rola uma

> É PORQUE A MÚSICA QUE FIZ AOS 22 ANOS NÃO TRADUZ QUEM SOU HOJE QUE NÃO PARO DE COMPOR. QUERO ATUALIZAR MINHA IMPRESSÃO SOBRE O MUNDO.

solidão, uma desolação, vontade de desacelerar ou mesmo parar. Todo mundo já teve…

SAMÁRIA Sobre suas músicas, você nos falou nessa entrevista que fez *Flor da Pele* muito novo e a acha imatura; que *Telegrama* é uma música estranha. Olha, os fãs podem sofrer ao ler isso, porque essas músicas já se tornaram memórias e histórias das vidas das pessoas. Que música, então, você compôs e a gente pode continuar cantando porque você não se arrependeu?

ZB (risos) Veja bem: eu gosto dessas músicas, só sou um pouquinho sincerão demais. Quando gravei essas canções, inclusive existia aquela ideia da "música de trabalho" - você tinha que escolher uma do disco pra tocar no rádio, tentar emplacar numa novela, e eu nem participava dessa discussão porque era como escolher entre filhos. Era o pessoal do marketing que escolhia. Quando me disseram "escolhemos *Telegrama*", eu falei: gente, mas essa música é muito estranha, olha essa letra, nunca vai ser popular! Um amigo falou: 'Cara, isso é o tema de um bipolar: o cara acorda triste, tristinho, e no final explode numa euforia querendo dar flores ao delegado!'. Tenho canções de amor mais óbvias que não chegaram nesse lugar de mega sucesso de *Telegrama*. Algumas eu continuo cantando por saber a importância que elas têm pras pessoas, mas têm coisas que não creio mais, foi um outro cara que escreveu e esse cara não existe mais. A gente muda muito, e a canção é um retrato do momento que você compôs, das sensações que teve. Uma canção que fiz com a angústia de um jovem de 22 anos, aos 56 penso muito diferente, embora possa gostar da música, porque ela envolve melodia, leva a uma emoção, as palavras podem ser saborosas de cantar. Mas é exatamente porque a música que fiz aos 22 anos não traduz quem sou hoje que não paro de compor. Quero atualizar a minha impressão sobre o mundo. Nessa pandemia fiz mais de cem músicas, muitas em parceria com amigos, é uma forma de mostrar meu olhar de hoje. Mas gosto de todas as minhas músicas e canto todas com gosto, porque todas saíram da minha pena - então tenho mesmo que assumir (risos). E tenho carinho também amplificado pelo eco que elas têm na alma e na vida das pessoas.

SAMÁRIA Essas músicas são nossas então, né?

ZB Sim. São de todo mundo! Ei, na próxima vamos fazer essa entrevista presencialmente, tomando uma cajuína?

DHEIKY DO RÊGO MONTEIRO ROCHA

ASSIS BRASIL NOS DOMÍNIOS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E JUVENIL

A produção literária do escritor piauiense Assis Brasil atravessa gerações de leitores, desde a segunda metade do século XX às primeiras duas décadas do século XXI, abrangendo as suas facetas de criação voltadas para o público adulto, criança e adolescente, numa prosa ficcional de múltiplos gêneros literários, como conto, novela e romance. Nessa travessia, a condição humana é a matéria-prima para o seu universo literário, que transfigura histórias muito próximas do horizonte de vivências dos leitores. Assim, ele advoga por uma estética da formação humanística, sem perder de vista os fios da fantasia, da aventura e do heroísmo, que tecem a história da literatura mundial.

No conjunto da sua produção literária, Assis Brasil cultivou a partir da sua extraordinária imaginação um volumoso conjunto de histórias para crianças e jovens. São cinquenta e seis obras publicadas para esses leitores, trazendo à tona o cerne da condição humana (como em *Os habitantes do espelho*), as relações do homem com a natureza (em *A sabedoria da floresta*; *O mistério da caverna da coruja vegetariana*; *O cantor prisioneiro*) e as descobertas da ciência (em *Contatos imediatos dos besouros astronautas*; *Nemo, o peixinho filósofo*), a relação com as culturas indígenas (em *Desafios de Kaíto*; *Yakima, o menino-onça)*, e outros aspectos fundamentais da convivência no mundo real, a exemplo o cotidiano de crianças faveladas (em *Pequeno pássaro com frio*) e a migração nordestina (em *Mensagem às estrelas*). Todas essas temáticas são, ainda hoje, objeto de discussão da literatura.

Na sua juventude, Assis Brasil era um leitor de histórias de aventuras, como as dos autores Robert Louis Stevenson, Jonathan Swift, Daniel Defoe, Lewis Carroll, Jules Verne, que exerciam fascínio sobre os jovens leitores de seu tempo. Além desses escritores europeus, ele também teve contato com obras de escritores nacionais, como José de Alencar, que o influenciou na criação do seu primeiro livro *Verdes mares bravios*, publicado em 1953, pela editora Aurora do Rio de Janeiro, cujo enredo trata sobre a vida dos jangadeiros cearenses. Essa formação leitora do escritor piauiense é importante para a sua trajetória literária, porque se reflete na composição dos seus livros, de certa maneira, pois identificamos traços sutis e, até mesmo, elementos intertextuais dessas experiências leitoras no corpo de algumas de suas criações.

A respeito da escritura do autor, a crítica literária Nelly Novaes Coelho afirma: "sua habilidade em elaborar o novelesco e a atração pela aventura de viver, somada ao estilo fluente e impregnado de oralidade, fazem de Assis Brasil um escritor de sucesso entre os leitores" (COELHO, 1995, p. 144). Essas são, portanto, também, as características que fizeram dele um escritor com estilo peculiar, também capaz de promover a aceitação dos leitores e da crítica especializada, como atestam os prêmios conquistados e o fato de ter obras suas adotadas por escolas de todo o país.

Muitas de suas obras para crianças e jovens foram premiadas, por exemplo: *Um preço pela vida*, com o Prêmio Fernando Chinaglia/União Brasileira de

Escritores; e *Os nadinhas*, com o Prêmio Luiz Jardim/ União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Além desse rol de obras, destaca-se o livro *Zé Carrapeta, o guia de cego*, agraciado com o Prêmio Alfredo Machado Quintela, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além de ter sido selecionado pela *International Youth Library* (Biblioteca Internacional da Juventude), de Munique (Alemanha), para ser incluído no catálogo *The White Ravens* 1986, uma das mais importantes distinções no campo da literatura infantil e juvenil mundial, publicado anualmente (ROCHA, 2013). Isso demonstra que a sua literatura para o público jovem foi reconhecida pelos parâmetros críticos que regem os prêmios literários, que, por vezes, moldam o gosto de leitura dos potenciais leitores.

Ficcionista de "mão cheia", Assis Brasil cria uma personagem que percorre vários territórios do Brasil, José Quinquinhas, apelidado Gavião Vaqueiro – um aventureiro nordestino, ecologista e amigo dos índios –, figura constante na série de episódios denominada "Aventuras de Gavião Vaqueiro", composta por mais de vinte publicações voltadas para os públicos infantil e juvenil. Assim, a trajetória dessa personagem configura um desbravamento para um lastro ficcional que traça problemáticas de povos de regiões distantes dos centros mais urbanizados do país, no período do contexto de produção do autor. Isso reforça a ideia de que o escritor edificou grande parte da sua arquitetura ficcional com questões sociais, buscando estar mais próximo dos conflitos humanos da vida social e, ao mesmo tempo, do imaginário do povo brasileiro.

As obras de Assis Brasil destinadas às crianças e aos jovens ilustram as tendências da criação literária, bem como do mercado editorial, tendo como pauta as questões contemporâneas vigentes na sua época, consolidadas nas coleções e séries que circularam nas décadas em que foram produzidas. Nessas mesmas obras ainda ecoam vozes questionadoras em nosso tempo – na figura do narrador e das personagens –, que são convocadas pelas leituras atuais. Nesse sentido, parte das suas obras foi publicada em coleções e séries, por exemplo: *A volta do herói* (1974), editada em 1983 pela Ediouro para a Coleção Edijovem; *Tonico e Carniça* (1982), pela Ática na Série Vaga-lume, escrita em coautoria com José Rezende Filho; e *O menino-candeeiro* (1985), pela Editora do Brasil para a Coleção Liberdade, Ação (ROCHA; MAGALHÃES, 2021). Através de coleções e séries, o autor oferece possibilidades para uma formação leitora que provoca o pensamento crítico-reflexivo, na perspectiva de uma função humanizadora.

Assis Brasil faz parte de um rol de autores brasileiros que se preocupou com as questões sociais, lançando mão da fantasia e da criatividade, elementos facilitadores para a construção de sentidos e expressão de sentimentos pelos leitores crianças e jovens. A sua produção literária tornou-se mais presente nos anos de 1980 e 1990, com expressiva e volumosa diversidade temática. Ele conseguiu inserir suas histórias no contexto do mercado por meio de diversas editoras nacionais: Melhoramentos, Atual, Salamandra, Scipione, Moderna, Saraiva e outras. A obra infantil e juvenil do autor constitui-se de temáticas que podem interessar tanto leitor criança como o adolescente, uma vez que é marcante nas suas narrativas a presença de elementos lúdicos, fantásticos, complexos e instigantes, como a própria condição de infantil e a delicada relação entre adultos e crianças, como se vê em Os *nadinhas* e em *Os habitantes do espelho*.

Estudos relativamente recentes (ROCHA, 2013; ROCHA; MAGALHÃES, 2021) constatam que a literatura infantil e juvenil do escritor piauiense propicia a ampliação do horizonte de expectativas do leitor, com o protagonismo de personagens adultos, crianças, animais e plantas, por meio da fusão da fantasia com o real, configurando uma via de experiência estética, que leva o leitor ao autoconhecimento e, consequentemente, ao amadurecimento pessoal, descobrindo o seu potencial como ser humano diante do mundo. Assis Brasil é, portanto, um autor que plantou na seara da literatura infantil e juvenil uma infinidade de ideias capazes de atrair os leitores e de suportar os olhares apurados da crítica especializada de qualquer tempo.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*: séculos XIX e XX. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. *A fantasia e o real na literatura infantojuvenil de Assis Brasil*: por uma função emancipatória. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Assis Brasil e a literatura juvenil: coleções, séries e a formação humanística. *In*: ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Livro juvenil*: estética, crítica e experiência literária. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 127-149.

JOSÉ ELIELTON DE SOUSA

NEGACIONISMO E PANDEMIA: A PRODUÇÃO DA IGNORÂNCIA COMO POLÍTICA DE GOVERNO

Com a pandemia da COVID-19, um dos fenômenos políticos que vem chamando atenção é o recrudescimento de movimentos negacionistas mundo afora, inclusive no interior da própria comunidade científica. O negacionismo se caracteriza pelo ato de negação de uma ideia, juízo ou fato apresentado como verdadeiro por uma comunidade científica, acadêmica ou filosófica, resultante de análises metódicas dos membros dessas respectivas comunidades. Nesse sentido, o negacionismo é um conceito aplicável a indivíduos ou grupos de pessoas que "optam" voluntariamente por não acreditarem em uma informação, fato ou ideia vista como consensual nos meios acadêmicos e científicos.

O ponto de partida negacionista são teorias conspiratórias sobre determinado assunto, cujo objetivo seria divulgar a "verdade oculta", escondida por uma grande conspiração internacional para que as pessoas não tenham acesso a tal realidade. Além disso, as teorias negacionistas se apoiam em informações manipuladas, descontextualizadas, suprimidas ou falseadas por supostos "especialistas" que, na realidade, têm visões e informações sobre o assunto em questão que são totalmente divergentes do conhecimento estabelecido. O termo "negacionismo" tem origem francesa e foi empregado para classificar o primeiro grande movimento negacionista contemporâneo: os negacionistas do Holocausto.

No âmbito da ciência, embora possa remeter retrospectivamente ao início da idade moderna, quando cientistas como Copérnico e Galileu foram obrigados a falsearem suas próprias conclusões científicas por causa da contradição doutrinal da Igreja, o negacionismo é um fenômeno que remete a meados da segunda metade do século XX, com a indústria do tabaco financiando pesquisadores para questionar o fato de que o fumo causa câncer, manipulando e alterando propositalmente dados e evidências científica com vistas a atender fins econômicos.

Se antes o negacionismo estava restrito a grupos articulados em torno de interesses econômicos-ideológicos ou religiosos específicos, com a proliferação de movimentos de extrema direita mundo afora, associada ao uso das redes sociais para disseminação de teorias conspiratórias, informações falsas ou distorcidas e discursos de ódio, esse fenômeno se integrou a essa agenda política mais ampla, ultraconservadora, reacionária, xenofóbica e teocrática que reúne esses diversos movimentos de extrema direita em torno de pautas e valores retrógrados (racismo, xenofobia, chauvinismo), antidemocráticos (autoritarismo, separatismo, populismo), tradicionalistas (Deus, pátria e "família") e anticientíficos (contra vacinas, contra medidas profiláticas e negacionistas do vírus SARS-Cov-2).

Com a chegada da COVID-19, esse fenômeno negacionista se intensificou, "contaminando" de forma significativa membros da comunidade científica e de governos de diversas partes do mundo, tornando-se inclusive discurso oficial e política de governo em vários lugares do mundo, como no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo. Como aponta Carlos Orsi e Natalia Pasternak, em *Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências*, embora o negacionismo seja motivado por interesses difusos e os grupos negacionistas sejam distintos entre si, podemos perceber que todos eles adotaram a mesma estratégia reativa ao longo da pandemia

da COVID-19, estabelecendo uma espécie de fronteira móvel diante realidade dos fatos, que vai se ajustando a cada momento de acordo com a conveniência.

Assim, se eles reconhecem existir um discurso sobre a pandemia, questionam sua veracidade ou relatam que se trata apenas de um vírus comum, acusando os governos de montarem uma farsa para justificar a adoção de medidas autoritárias de controle dos direitos e das liberdades individuais. Por outro lado, se eles admitem a realidade da doença, desconsideram sua gravidade, criando teorias conspiratórias sobre a origem do vírus e seu suposto uso como arma biológica. O mesmo procedimento em relação às formas de prevenção da doença: se eles reconhecem a gravidade da doença e a importância de salvar vidas, desconsideram os métodos científicos, como a utilização de máscaras, o isolamento social, o lockdown e a própria vacina. Preferem acreditar na utilização de medicamentos não comprovados cientificamente, como ivermectina e hidroxicloroquina, mesmo depois de verificado que os mesmos não apenas são ineficazes no combate à COVID-19, mas que seu uso prolongado traz sérios riscos para a saúde do usuário.

Especificamente no caso do Brasil, o atual presidente da República conseguiu a proeza de juntar em seu governo uma variedade impressionante de negacionistas, desde grupos "clássicos" como aqueles que negam o holocausto, passando por terraplanistas, negacionistas climáticos, fundamentalistas religiosos, revisionistas da escravidão e da ditadura civil-militar brasileiras, até, obviamente, os negacionistas da pandemia da COVID-19, articulados ao negacionismo científico. Dessa forma, pela primeira vez na história de nosso país temos um mandatário que adota o negacionismo como discurso oficial e norte para suas ações governamentais – é a ignorância e a estupidez transformadas em política de governo.

Três momentos da atuação do governo federal, sob a liderança explícita do presidente da República, no enfrentamento à pandemia são particularmente emblemáticos, denotando claramente a institucionalização governamental do negacionismo e a estratégia reativa acima mencionada, ajustável à conveniência do momento. Primeiramente ele se omitiu no combate à pandemia, não adotando as medidas necessárias para conter a disseminação e circulação do vírus, culpando o STF por, supostamente, ter retirado a competência da União para tal finalidade. Posteriormente, e apesar da omissão, o governo federal passou a questionar e criticar publicamente as informações e recomendações produzidas pela comunidade científica nacional e internacional, promovendo uma campanha orquestrada de desinformação, defendendo a tese da imunidade de rebanho e estimulando o "tratamento precoce" mesmo sem eficácia comprovada. Por fim e não menos importante, vem a questão da vacina: o governo federal não apenas esnobou diversas ofertas de compra de vacinas e se omitiu de participar de um consórcio internacional para aquisição e distribuição de vacinas para países em desenvolvimento, como passou a fazer campanha contra as vacinas disponíveis no Brasil, inclusive acionando dispositivos legais para não recomendar a vacinação de adultos e crianças.

Essa exposição reiterada à desinformação tem provocado uma espécie de dissociação cognitiva entre a realidade da pandemia e as crenças subjetivas dos negacionistas, levando-os a recorrer a narrativas fantasiosas para explicar os fatos. Assim, se tornaram comuns narrativas que defendem que não houve o colapso funerário de Manaus (AM) em 2020, que caixões funerários estavam sendo enterrados vazios, ou que o número de casos divulgados pelas secretarias estaduais de saúde estava fraudado, pois os hospitais estariam vazios e as entidades de saúde fariam laudos falsos sobre os óbitos por Covid-19. Em relação as vacinas, as narrativas negacionistas mais comuns relacionam a origem das vacinas à sua eficácia, o controle biológico da população por meio de microchips implantados através da vacinação, ou ainda a estória de que as vacinas são responsáveis pelo surgimento de novas variantes.

O processo de produção da ignorância não é aleatório, ele é fabricado propositalmente, é uma construção articulada por pessoas que possuem informações e meios sofisticados de produzir conteúdo e influenciar grupos enormes de pessoas, para ocultar interesses políticos-ideológicos de controle e manutenção de poder. Uma das consequências perversas desse processo de produção da ignorância é a intensificação de uma política de naturalização de morte e a banalização da vida, voltada especialmente para grupos mais vulneráveis, não por acaso os mais atingidos proporcionalmente pela pandemia.

Esse fenômeno de produção intencional e articulada da desinformação, associado ao negacionismo científico como políticas públicas, quando relacionado à política de naturalização de morte e a banalização da vida promovida pelo governo federal, é um exemplo daquilo que muitos estudiosos chamam de *tanatopolítica*: economia e governo da morte do Outro. É isso que temos hoje no Brasil: um governo da morte do Outro!

ANITTA E O NACIONALISMO DE ESTÉTICA DA FAVELA

Cem anos após a Semana de Arte de 1922, que defendeu um nacionalismo antropofágico, ao deglutir elementos estrangeiros e promover uma renovação estética na arte brasileira, Anitta cria um novo nacionalismo com a estética e som da favela. A apresentação da cantora no Coachella, o maior festival de música pop dos Estados Unidos, no último dia 14, levou ao palco mais do que rebolado. O figurino, as músicas e o cenário expostos no palco vomitaram para o mundo a essência da arte expressa nos corpos e casas das periferias brasileiras.

Ao longo da formação da identidade nacional, muitos intelectuais se debruçaram para explicar sobre a cultura do Brasil e as questões relacionadas a mistura de raças e as influências estrangeiras, sempre estiveram no centro das discussões. Vale lembrar que esta identidade não é fixa, ela se altera com o passar do tempo, influenciada, principalmente pelas manifestações artísticas e suas linguagens.

Se Gilberto Freyre, com o movimento Regionalista, os romancistas de 30, com os retirantes e Luiz Gonzaga, com o baião, colocaram o Nordeste no centro da estética artística nacional, Anitta usa, inteligentemente, o Rio de Janeiro como o centro da cultura nacional a ser exportada para o mundo. Mas diferentemente dos sambistas ou de Carmen Miranda, Anitta sobrepõe o funk ao samba e este é o grande mérito em novidade de sua atuação.

Nas performances de Anitta, o seu próprio corpo é o elemento principal de linguagem, ela se reproduz numa menina típica das favelas cariocas ou de muitas outras periferias pelo Brasil afora, que usa shortinho curto e cropped. Uma postura comercial muito inteligente, tal qual fez Luiz Gonzaga com o chapéu e gibão de vaqueiro ou Carmen Miranda com bananas e abacaxis na cabeça.

Ao invés de renegar as suas origens, Anitta usou muito bem a postura da mulher da periferia brasileira para vender sua música e ganhou pela originalidade e ousadia. Apesar das plásticas que adequaram seu rosto a certos padrões, a artista mantém no seu corpo, principalmente, através do seu figurino e coreografias, o espírito malandra da carioca de favela.

A mistura de elementos nacionais com estrangeiros não é novidade. Na década de 1920, os modernistas, inspirados em vanguardas europeias, fizeram uma renovação das artes, colocando o verde e o amarelo em destaque. Quase 50 anos depois, o movimento influenciou os tropicalistas, que no final da década de 1960, anunciando a manhã tropical, revolucionaram as artes reunindo elementos do folclore nacional com ritmos estrangeiros.

Anitta, mesmo mantendo o funk em evidencia, faz uso do *reggaeton* e do *rock*, elabora *cross-branding* com

artistas latinos e norte-americanos, com intuito de se tornar popular nesses mercados. Inteligentemente a menina da favela, ou a garota do Rio, vez ou outra usa elementos do samba e até da bossa nova, numa mistura ousada de reinventar o Brasil para os gringos. No palco, ela canta em três idiomas, entra de moto, como os típicos passeios de moto-taxi entre as casas das favelas cariocas, mas também dos bairros populares de todas as grandes cidades brasileiras.

Reinventar a música brasileira não é uma empreitada solitária de Anitta, outras artistas, como Pablo Vittar, que regravou ritmos de forró eletrônico e arrocha, ou Joelma e Gaby Amarantos, que cantam ritmos do Norte do Brasil, são manifestações importantes da cultura nacional que usam elementos rítmicos das periferias do país, sons populares, e reinventam o ser da identidade nacional.

Alguns podem dizer que não há inteligência nas letras das canções gravadas por essas artistas e estes podem até ter razão. Não há comparação com a riqueza linguística do sampa ou da tropicália, mas há, sim, equidade de valor dos ritmos, na beleza dos movimentos, na expressão corporal e, principalmente, em dar vida ao Brasil aqui dentro e lá fora.

É verdade também que não há crítica social nas performances de Anitta, embora haja crítica política. A miséria não é exposta, como fez o Cinema Novo, mas a estética da miséria brasileira é ultrajada na alegria e na festa, porque assim pede o mercado da música de redes sociais e festivais. Anitta está comercialmente voltada para os gringos, mas carrega os brasileiros consigo, pois o nacionalismo apresentado por ela, ressignifica o verde e amarelo que haviam se tornado elementos do conservadorismo e de uma política eleitoreira bancada com os cofres públicos. Aí está o maior valor do que Anitta fez no Coachella, a melhor resposta que ela poderia dar a um governo que vive continuamente de campanha eleitoral, ela mesmo sendo um dos alvos principais da milícia digital do bolsonarismo.

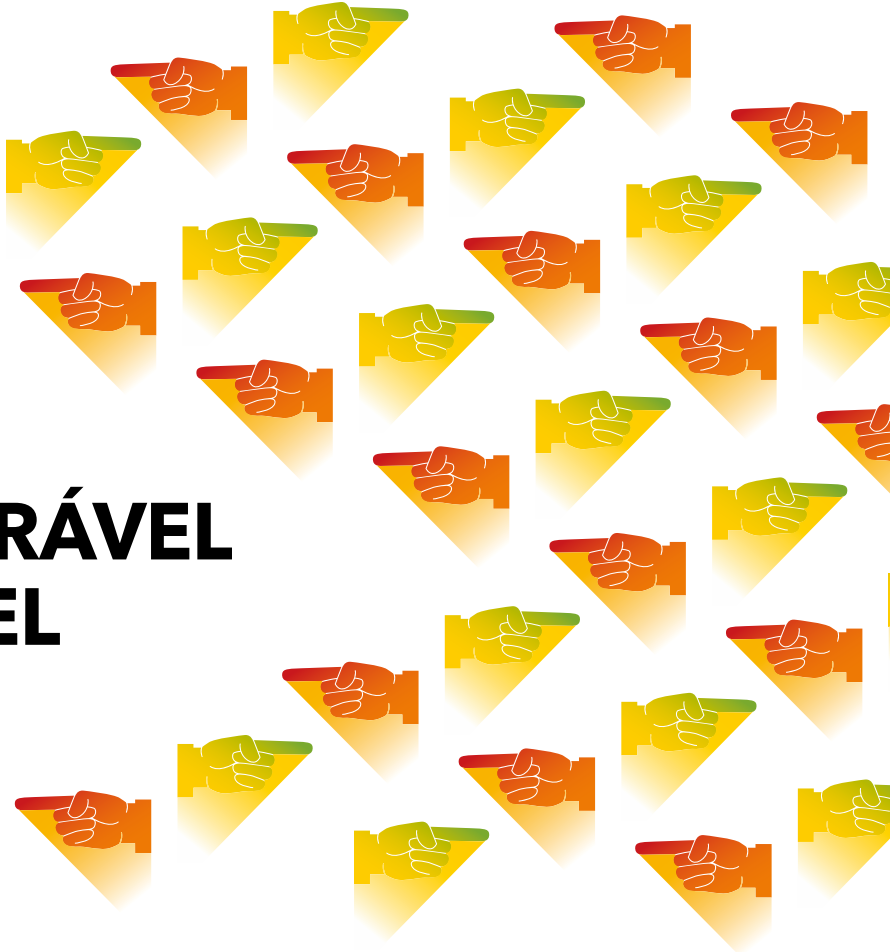
A apresentação de Anitta no festival é um alerta, uma forma de expressar possibilidades do que a arte ainda pode fazer pelo Brasil.

Você nunca imaginou que
ouviria música do nosso jeito.

aponte seu smartphone
e comece agora.

Ao vivo e on-line pela webrádio **www.radiocoqueirodapraia.com.br**
sempre às quintas-feiras, 22h.
Ou on-demand pelo Soundcloud, Deezer e Google Podcasts.
Acesse, ouça e compartilhe.

CRÔNICA
POR ROGÉRIO NEWTON



DO INCOMPARÁVEL SABOR DO MEL

Não sei se quem me lê agora é chegado às chamadas redes sociais. É bem provável que sim, pois virou hábito frequentá-las, mesmo correndo o risco de ser apanhado, como um peixe. Não vou dizer que não gosto. Porém não sou fanático. Aliás, acho que não sou fanático por nada.

Não acesso todos dias, e vou olhando, parando aqui e ali, a ver ou ler alguma coisa ou pessoa que me atrai. Não raro, penso numa frase de Yogananda: quando você encontrar areia misturada com açúcar, seja como as formigas: fique só com o açúcar. Pois é isso que sinto: deparo-me com tanta areia que fica difícil encontrar açúcar. Mas encontro.

Disparado, o lugar que tem mais areia é a política. Principalmente quando fica aberta a polaridade cega, geralmente centrada em personalidades públicas. Muitas vezes, as discussões parecem conversas de botequim. Tudo bem, nada contra, afinal dizem que as redes são democráticas, cada um fala o que quer. Se espremer, o que é que fica? Para quem procura pepitas, fica o incomparável sabor de mel.

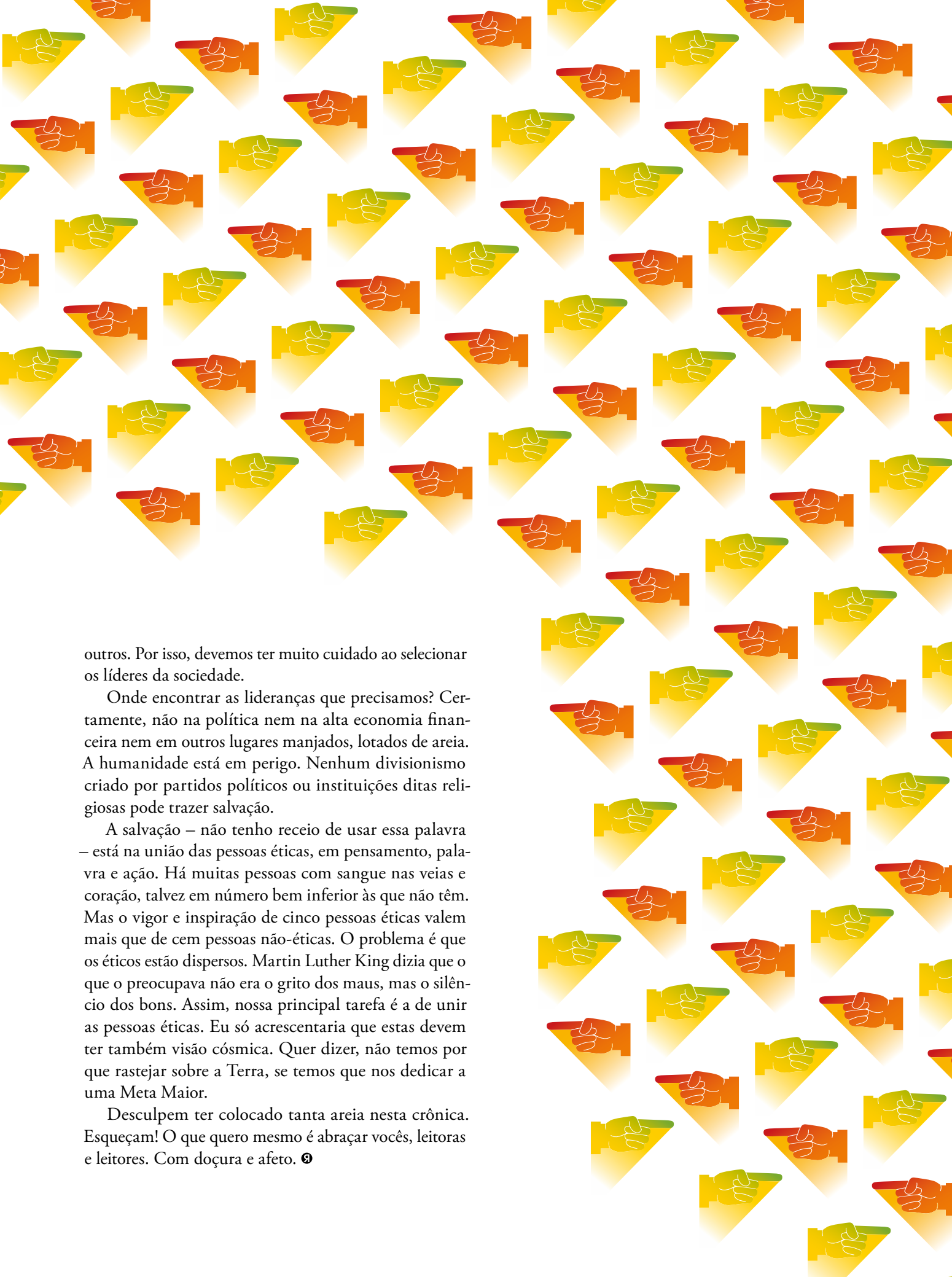
Parece que as sociedades ditas civilizadas não têm sistema político melhor que a democracia, tida por muitos como o melhor entre os piores. Mas a democracia, como tudo na vida, está em crise, porque a crise, afinal, é de consciência e atinge a tudo e a todos.

Sei que estou botando mais areia no negócio, mas, por exemplo, em quem votar para qualquer coisa? Parece que temos que escolher o menos ruim entre os piores. Pois estamos diante de um fato atroz: salvo exceções raríssimas, os candidatos são muito bons para um simulacro de sociedade, não para uma sociedade saudável.

"Ladrões podem criticar outros ladrões em uma sociedade de ladrões, mas não podem oferecer sugestões numa sociedade de pessoas honestas, porque seus lábios tremerão e seus corações palpitarão".

Muitos nas redes e fora delas falam que a culpa é da direita, outros, da esquerda, dos capitalistas, dos comunistas etc. Todos esses termos parecem desgastados. No fundo, o que interessa mesmo é se a pessoa tem empatia e compaixão pelo ser humano. É difícil encontrar essas qualidades nos exploradores que sugam a vitalidade dos explorados. Alguém que amo muito disse certa vez que um dia o capitalismo pipocará como fogos de artifício.

Ele me explicou que a natureza humana parece com a de um rebanho de ovelhas. Se uma ovelha cair no precipício, as outras a seguem. Os humanos também são seres sociais. Como os mamíferos, gostam da companhia dos



outros. Por isso, devemos ter muito cuidado ao selecionar os líderes da sociedade.

Onde encontrar as lideranças que precisamos? Certamente, não na política nem na alta economia financeira nem em outros lugares manjados, lotados de areia. A humanidade está em perigo. Nenhum divisionismo criado por partidos políticos ou instituições ditas religiosas pode trazer salvação.

A salvação – não tenho receio de usar essa palavra – está na união das pessoas éticas, em pensamento, palavra e ação. Há muitas pessoas com sangue nas veias e coração, talvez em número bem inferior às que não têm. Mas o vigor e inspiração de cinco pessoas éticas valem mais que de cem pessoas não-éticas. O problema é que os éticos estão dispersos. Martin Luther King dizia que o que o preocupava não era o grito dos maus, mas o silêncio dos bons. Assim, nossa principal tarefa é a de unir as pessoas éticas. Eu só acrescentaria que estas devem ter também visão cósmica. Quer dizer, não temos por que rastejar sobre a Terra, se temos que nos dedicar a uma Meta Maior.

Desculpem ter colocado tanta areia nesta crônica. Esqueçam! O que quero mesmo é abraçar vocês, leitoras e leitores. Com doçura e afeto.

ASSIS BRASIL

A máquina de escrever

Francisco de Assis Almeida Brasil, mais conhecido como Assis Brasil, foi romancista, contista, ensaísta, historiador literário, antologista, professor, dicionarista e crítico literário. Também foi autor de obras para crianças e jovens e teve intensa participação na imprensa, como cronista e colunista.

Nascido em fevereiro de 1929 na cidade de Parnaíba, em 1943 passou a morar em Fortaleza, onde concluiu seus estudos. A partir daí, começou sua vasta contribuição para a literatura e para a imprensa nacional.

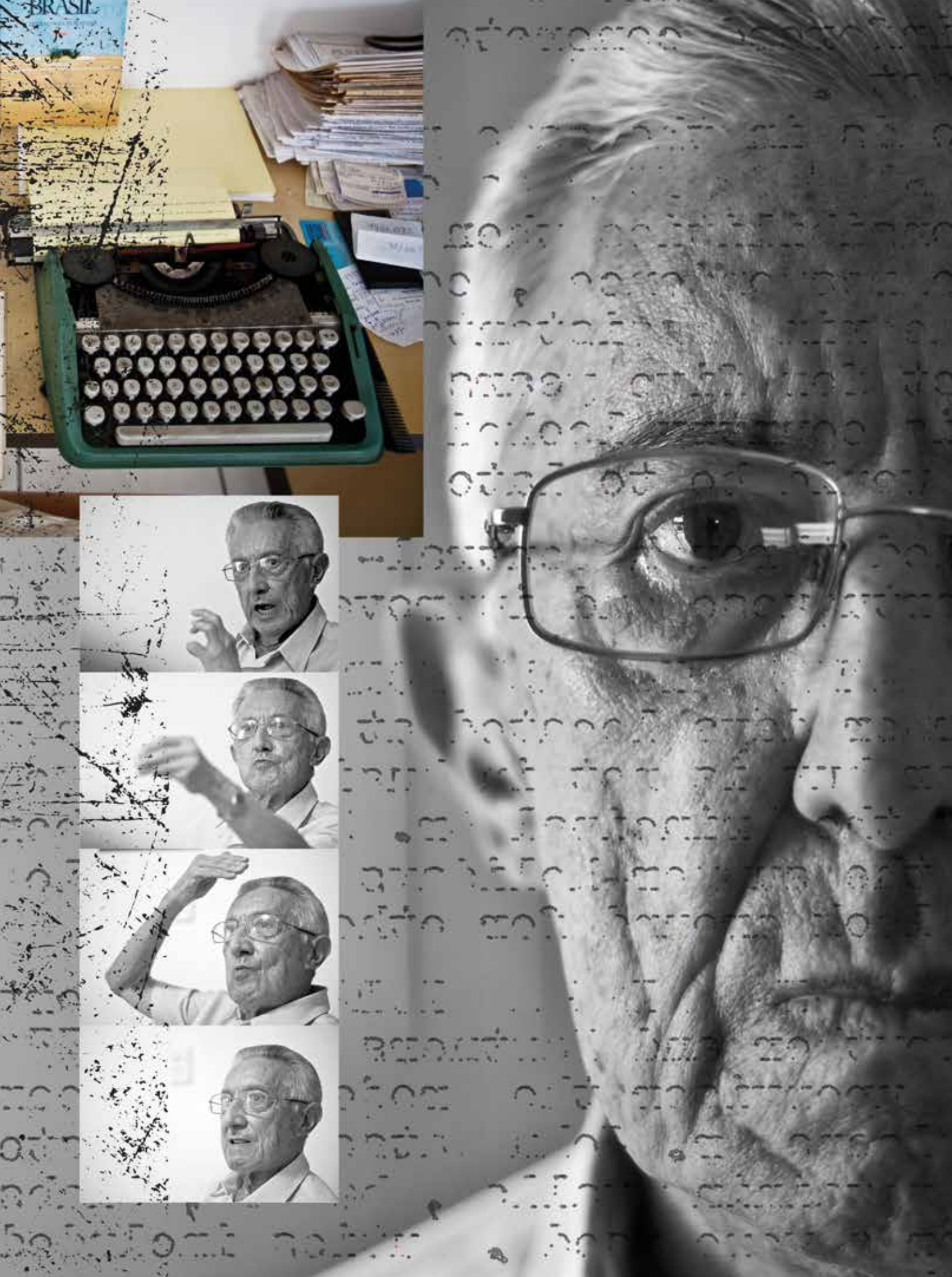
Assis Brasil foi crítico literário no *Jornal do Brasil*, no *Diário de Notícias*, no *Correio da Manhã*, em *O Globo* e na revista *O Cruzeiro*, entre outros. Levam sua assinatura 106 obras literárias que, segundo estudiosos, apresentam duas vertentes: uma conservadora, mantendo estilos literários da tradição de não-ruptura, e uma progressista, em que buscava alguma ruptura com o conservadorismo. Seu primeiro texto literário foi *O poste e a palmeira*, escrito aos quinze anos e baseado em um texto de Machado de Assis. Já o primeiro livro publicado foi *Verdes mares bravios*, em 1953. O reconhecimento nacional chegou em 1965, quando ganhou seu primeiro prêmio Walmap com *Beira Rio, Beira Vida*. Para se ter uma ideia da importância dessa obra, em 1998 o *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, inseriu *Beira Rio, Beira Vida* entre os cem melhores romances já publicados no país até então.

Dedicou-se integralmente à literatura, produzindo obras como *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor, Pacamão, O aprendizado da morte* (1976) e *Deus, o Sol, Shakespeare* (1978), além de romances históricos como *Nassau* e *Sangue e amor nos trópicos*. Escreveu também inúmeros contos, entre eles *Contos do cotidiano triste* e *História do Rio Encantado*, e ensaios como *Faulkner e a Técnica do Romance* – e ainda crítica literária. Em 1975, seu romance *Os que bebem como os cães* proporcionou a Assis Brasil um segundo prêmio Walmap.

Assis Brasil recebeu, em 2004, o principal prêmio literário do país: o Prêmio Machado de Assis, oferecido pela Academia Brasileira de Letras a escritores brasileiros pelo conjunto de suas obras. Sua qualidade literária e a intensa e ininterrupta produção o levaram também à Academia Piauiense de Letras, onde ocupou a cadeira 36, e a ser citado como importante autor da chamada Geração de 45, além de diversos outros prêmios e títulos, entre eles o de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Piauí.

Francisco de Assis Almeida Brasil, nosso Assis Brasil, viveu por 92 anos, até novembro de 2021. E segue imortal e presente em sua extensa e impactante obra.

**o título faz referência à entrevista concedida por Assis Brasil para Revestrés e publicada em nossa edição número 1 (2012).*


BRASIL

TRANÇANDO AFETOS

Cabelos cacheados e crespos estreitam conexão com identidade negra.

POR ALDENORA CAVALCANTE

FOTOS KELSON FONTINELE

A reivindicação da negritude a partir dos cabelos ultrapassa a estética. Essa posição de luta e valorização vem como uma onda em direção ao apagamento histórico das raízes culturais da população negra. É uma disputa de representatividade e reconhecimento, nas palavras de Jéssica Carneiro, que estuda mulheres negras passando pela transição capilar. "A luta pelo empoderamento e liberação dos fios crespos é, por excelência, uma discussão política", diz. "Nós não podemos esquecer que o gosto estético, isso que consideramos ser 'belo', está enraizado antes, em valores vigentes em uma sociedade e, infelizmente, até hoje nosso país bebe de uma cultura hegemonicamente etnocêntrica", acrescenta a doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e membro do coletivo Ceará Criolo.

Nesse embate, os fios se emaranham com a ancestralidade, o afeto e a autoestima de pessoas negras. É como se a relação com o cabelo se convertesse em um momento de encontro com quem se é e com o que se quer deixar para aqueles que virão, o que demarca posicionamento político, escolhas e caminhos. Esse processo de autoconhecimento também vem carregado de sentimentos.

Para Ana Paula Teodoro, 22 anos, a conexão com sua negritude começou na transição capilar, mas até chegar lá, ela viveu muitas questões. A estudante de Psicologia alisou o cabelo pela primeira vez com 9 anos. De lá para cá, foi uma década de processos químicos constantes. "Minha maior vontade era chegar na idade em que pudesse alisar meu cabelo porque é como se, a partir disso, eu realmente me tornasse uma pessoa e me inserisse na sociedade", explica.

Hérica Marília

> OLHEI PARA MIM PELA PRIMEIRA VEZ. SENTI QUE REALMENTE ENCONTREI A PESSOA QUE EU ERA.
>
> ANA PAULA TEODORO

Esse ritual ansiosamente esperado e compartilhado entre mãe e filhas é vivido historicamente por muitas famílias negras. Quem registra essas lembranças é a pesquisadora feminista negra bell hooks que, em texto sobre alisamento, se refere ao momento em que a mulher negra deixa de ser percebida como menina para ser quase uma mulher. Um ritual de intimidade, mas que também se convertia, para Ana Paula, em necessidade de aprovação social, adequação ao padrão estético que, no final da adolescência, passou a não fazer mais tanto sentido. Foi o primeiro passo para um reencontro carregado de descobertas.

Interromper o alisamento e passar pela transição capilar possibilitou que seu cabelo crescesse de forma natural. Mas não foi só isso. Primeiro porque, com pouco mais de 20 anos de vida, Ana Paula nunca tinha sentido de verdade a textura natural do cabelo. Segundo, que a decisão mudou a forma como ela se vê no mundo. “A transição foi um período de autoconhecimento. Eu olhei para mim pela primeira vez. Senti que realmente encontrei a pessoa que eu era”, desabafa.

Cuidar do cabelo, vibrar a cada fio que aparece e finalizar as mechas de forma que o volume tome conta de tudo se converte em um ato de resistência. “Eu sinto meu cabelo como o meu poder”, declara a estudante. Além disso, a transformação contribuiu para o rompimento de um ciclo da ausência de representação de traços da negritude na sua família. A pesquisadora Jéssica Carneiro aponta que tudo isso está intrinsecamente relacionado. "Recuperar uma relação saudável com os fios, assumindo sua textura natural, fala muito de uma conquista de identidade racial e pertencimento étnico”, comenta.

RECONHECER-SE MULHER NEGRA

Entender-se enquanto mulher negra a partir do contato com seus próprios cabelos é um processo que marca uma vida inteira e gera uma aproximação com a identidade racial. São experiências coletivas do povo negro, que partem de vivências individuais. Quanto mais cedo surge essa conexão com os cabelos, mais potente essa relação pode se tornar.

Para Lara Danuta, 22 anos, a dedicação da mãe em compartilhar a relação dos cabelos com a cultura negra foi crucial em sua vida. A afroeemprendedora usa tranças e *box braids* (tranças finas, que unem fibra sintética e cabelo natural) desde a infância. “A minha mãe teve a sacada de inserir as tranças na minha vida de uma forma consciente, de explicar que as tranças fazem parte da nossa identidade, que elas contam uma história e carregam essa ancestralidade”, conta.

Cledijane Rodrigues

Guilherme Almeida

O encontro com a identidade negra aconteceu quando a jovem passou a se aproximar mais dos cuidados com os cabelos crespos naturais e também quando passou a administrar a Dandara Fibras, loja especializada na venda de materiais para produção de tranças, *box braids* e penteados para cabelos crespos e cacheados, criada em parceria com a amiga Andreia Bacelar, há 5 anos. "Eu me descobri negra através do cabelo", comenta. "Quando comecei a lidar diretamente com isso, fui entendendo a importância de mostrar para as pessoas como eu cuido dos meus fios".

Para Lara, é impossível desassociar o cuidado e afeto dos seus cabelos. "A sociedade constantemente ensina as pessoas negras a não gostarem de si, da cor da pele, dos traços, e impõe que devemos andar com o cabelo liso, que tem um limite do cacheado para ser aceito", comenta. "Então, quando nós e a nossa ancestralidade criamos essa tecnologia de cuidado com o cabelo, isso é afeto. Se reconhecer enquanto mulher negra e cuidar do seu crespo, é afeto", finaliza Lara.

"EU GOSTO DO MEU CABELO ASSIM"

Crescer em um ambiente que prioriza relações afetivas com os cabelos repercute na forma como as crianças se entendem no futuro, quando se tornam adultos passíveis de viverem situações de discriminação e racismo. A representação dentro de casa é determinante para a autoestima e conexão com a identidade negra.

Sabendo disso, a cabeleireira e terapeuta capilar Samara Fonseca, 36 anos, tenta inserir o cuidado com os cabelos no seu lar. "A minha família é uma nuance de tons de preto", comenta. Quando Sávio, 11 anos; Maria Luíza, 8 anos, e José, 2 anos, nasceram, isso se tornou uma prioridade. "Eu tento proteger e ensinar. Infelizmente, a mulher preta tem que se defender. A gente tem que dar uma resposta para cada situação que vem pra gente", explica, falando da filha.

Mas isso ainda é um processo difícil. Samara conta que existem interferências externas e de outros familiares. "Tenho pessoas ao meu redor que interferem nesse trabalho de formiguinha, de empoderamento da minha filha, para que ela não tenha que passar pelo que eu já passei", conta. "Eu falo para ela: 'não fique calada'. Porque a partir do momento que a criança recebe uma ofensa, baixa a cabeça e a mãe se acanha, ela guarda aquilo. E esse calar adoece ela na vida adulta."

Quando o ambiente familiar não permite que essas questões sejam colocadas no cotidiano, é comum que as crianças adquiram cuidado de forma tardia. Por crescer em ambiente majoritariamente branco, Samara Fonseca não teve muitas referências negras na infância e isso contribuiu para que alisasse o cabelo desde pequena. "No salão, muitas crianças chegam magoadas com familiares", comenta. "Tem sempre alguém de casa falando para prender e amarrar o cabelo, que é ruim, que é duro. Se eu pudesse, falaria para as mães e as crianças responderem na hora: "Tia, eu gosto do meu cabelo assim".

Anderson de Sousa

Cledijane Rodrigues

Dannyres Chrystine

DORES, ALEGRIAS E POTÊNCIA

O apagamento da identidade de pessoas negras se perpetua na maneira como a cultura e expressões da comunidade negra são percebidas na sociedade. "O cabelo não escapa à regra", comenta Jéssica Carneiro. "Deixar o cabelo livre, ou melhor, enaltecê-lo, é um ato de rebeldia. Não à toa existiram movimentos antirracistas que apostaram no cabelo como arma de resistência à cultura eminentemente embranquecida", explica.

Para o afroempreendedor Kelson Fontenele, 31 anos, o cabelo é potência e reconexão com a ancestralidade. Mas nem sempre foi assim. Na infância, o integrante da Casa Fios Afro, espaço voltado para o cuidado com a estética negra, escondia os cachos em um penteado que "domasse" o black. A mudança nessa relação aconteceu por volta dos 28 anos, ao colocar *dreads*. "Foi algo construído quando comecei a ter maturidade e a estudar de forma independente. Daí passei pela transição do meu cabelo para os *dreads*", comenta.

Trançar ou *dredar* o cabelo é um momento de partilha. "Não dá para colocar uma trança ou um *dread* e achar que vai ser só isso. Toda pessoa negra sente que tem algo mais. A gente se arrepia porque esse processo é carregado de diálogos e afetos", comenta Kelson. O sentimento é compartilhado por Lara Danuta: "É um momento de troca de experiências com outras mulheres, onde você vai falando sobre sua história com o cabelo. Ao terminar, você está ali com outra energia, outra força, outro astral". Kelson acrescenta: "Com os *dreads* fica mais evidente a minha negritude, porque quando a gente se envolve com nossa identidade e floresce através dela e da estética, entende que não é só vaidade, é também identidade".

Mas não se pode desconsiderar as dores, pois esse é também um processo carregado de racismo. Para Moura Alves, 28 anos, que estuda diversidade étnico-cultural e passou parte da vida utilizando cabelo curto ou raspado, deixar os fios crespos em evidência foi sentir o racismo recreativo mais presente em seu cotidiano. "Quando deixei o cabelo crescer pela primeira vez, ainda não existia todo esse movimento de valorização da estética negra e

Valentina Teles

Hérica Marília e Maria Laura

> EU ME DESCOBRI NEGRA ATRAVÉS DO CABELO.
> LARA DANUTA

muito menos 'consciência' sobre o racismo", comenta. Para ele, assumir o cabelo é sair do lugar sombrio de marginalização e inferioridade em que as pessoas negras são colocadas. "É sentir que se tem propriedade sobre o próprio corpo. É a construção e afirmação da nossa identidade, não apenas como homem ou mulher negra, mas como pessoa humana", acrescenta.

Se falar de estética é algo mais comum para mulheres negras, os homens se sentem ainda mais sozinhos. Para Kelson, não ter com quem compartilhar o caminho para se compreender enquanto homem negro e as vulnerabilidades que isso carrega dificultou seu processo de autoconhecimento. "Uma forma de me compreender bonito e fortalecer minha autoestima foi acompanhar outros homens negros que tinham *dreads*, como forma de educar meu olhar e entender a beleza dos meus traços. Foi um processo importante que hoje compartilho com outros homens".

Assumir a identidade negra através dos cabelos ainda vem carregado de conflitos. Para Moura, existia uma grande distância entre admirar o cabelo de outros homens negros e se inspirar neles para fazer seus fios. "Quando eu escutava Cidade Negra, nos anos 2000, achava o cabelo do Toni Garrido fantástico! Mas para uma criança, naquela época, aquele cabelo não era permitido", conta. "A gente escutava que ele poderia usar aquele cabelo por ser artista, eu não".

Mas esse caminho solitário vai aos poucos se modificando. Isso pode ser percebido no aumento da busca por produtos capilares voltados para pessoas cacheadas e crespas, o que é reflexo do consumo e acessibilidade a esse tipo de produto. Segundo pesquisa da Unilever, em 2021, 9 em cada 10 pessoas consideraram que a variedade de cosméticos para cabelos crespos e cacheados é muito maior que há cinco anos. Mesmo assim, 31% dos entrevistados acreditam que a diversidade da oferta deveria ser maior.

A conexão com outras pessoas negras que assumiram seus fios também fortalece o movimento de valorização dos cabelos. "Quando vejo outra mulher negra na rua usando trança e ela automaticamente olha para mim e sorri, a gente se reconhece. Isso me inspira muito", diz a afroempreendedora Lara.

CENTRO DE CONVENÇÕES AMPLIA CAPACIDADE PARA REALIZAÇÃO DE EVENTOS EM TERESINA

FOTOS ROBERTA ALINE

Teresina é referência em negócios e serviços para todo o Piauí e parte do Maranhão, sobretudo nas áreas do comércio, saúde e educação. A capital do Estado, pela sua localização e infraestrutura, também sedia uma série de eventos, tanto locais como regionais e até nacionais. E esse setor ganhou mais um incentivo e tem sua infraestrutura turística reforçada com a entrega do Centro de Convenções de Teresina (CCT).

O espaço está em uma localização privilegiada, no Centro de Teresina, próximo à Assembleia Legislativa, Câmara de Vereadores, Tribunal de Justiça, shopping, hotéis, restaurantes e a poucos minutos de outros estabelecimentos, como aeroporto e rodoviária.

O CCT é um patrimônio público, gerido por uma empresa através de uma Parceria Público-Privada (PPP). A obra de reforma e requalificação do espaço recebeu aporte de aproximadamente R$ 50 milhões em recursos públicos e R$ 15 milhões em investimento privado para a conclusão.

"O setor privado chegou com a gestão especializada, com capacidade de concluir a obra inclusive com uma pegada mais moderna. Foi e vai ser um grande diferencial em razão da própria natureza do que significa um centro de convenções", declarou a superintendente de parcerias e concessões, Viviane Moura.

O CCT é um complexo multiuso que foi reestruturado para se tornar um dos mais modernos complexos da região, oferecendo espaços individualizados e modulares para acomodar todos os tipos de eventos.

De acordo com os gestores, o espaço já tem 34 eventos agendados. A solenidade de inauguração teve participação de autoridades dos diversos poderes e teve como ponto alto, o show do cantor Geraldo Azevedo.

HISTÓRICO

Inaugurado em 1976, o Centro de Convenções tinha no início 3.500 metros quadrados. A reforma iniciou com a extinta Piemtur, passou para a responsabilidade da Secretaria de Turismo (Setur) e foi concluída pela DMDL Eventos, empresa reconhecida nacionalmente pela experiência na gestão de equipamentos no setor. O contrato concede à iniciativa privada pelo período de 20 anos, o direito de uso, operação, manutenção e modernização do equipamento.

O Centro de Convenções está quatro vezes maior, com 14 mil metros quadrados. É composto de 2 pavilhões climatizados, salão nobre, hall, auditórios e um teatro com 1.200 lugares. A capacidade total de acomodação é de 10 mil pessoas de forma simultânea, garantindo condições de conforto e logística para feiras de negócios, exposições, formaturas e shows.●

Ouça as notícias do Governo do Piauí

SOUNDCLOUD

Spotify

ENSAIO
DALILA COELHO

É VERÃO O ANO INTEIRO

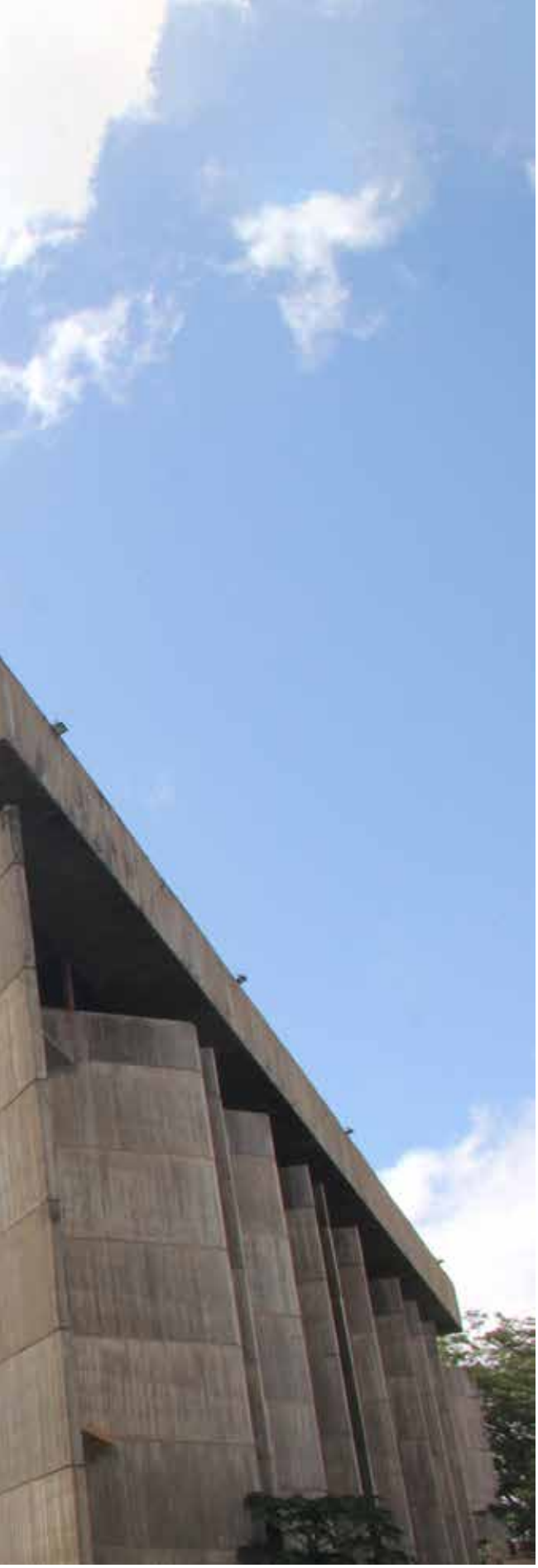
A série "É verão o ano inteiro", da fotógrafa e jornalista Dalila Coelho, nasceu como uma fotorreportagem independente produzida em 2019, que investiga o surgimento das casas de bronze de fita em Belo Horizonte e a movimentação nesses espaços mesmo durante o inverno. Na série, a jornalista percorreu três casas de bronze – Bronze da Ludy, no bairro Floramar, Tamara Bronze, no bairro Álvaro Camargos, e Atrevida Bronze, no bairro Novo Glória –, com o propósito de contar a história de empreendedoras que ganham a vida de sol a sol fazendo bronze de fita em suas clientes.

O que a fotógrafa percebeu ao percorrer esses espaços é que o bronze de fita é uma forma de empreendedorismo feito por e para mulheres periféricas, que constroem seus espaços visando oferecer serviços de beleza para outras mulheres da comunidade e conquistar autonomia financeira. A arte de construir um biquíni de fita, que é montado diretamente no corpo da cliente, é muito precisa e envolve estudos de geometria e anatomia para conseguir desenvolver um modelo de acordo com o gosto da cliente e que valorize cada tipo de silhueta da melhor forma. A fita isolante é usada pelas profissionais do bronzeamento por ser uma material barato e resistente que garante uma marca precisa, e além de construir todo o biquíni com a fita adesiva, há um esforço em enfeitá-lo com pedrarias, adesivos e fitas coloridas, como forma de personalizar e dar mais destaque para o trabalho feito por cada bronzeadora.

O título da série, "É verão o ano inteiro", capta essa suspensão no tempo vivida nas casas de bronze, em que basta a presença do sol para as lajes ficarem lotadas de clientes deitadas em um processo ritualístico de beleza com a finalidade única de adquirir marcas de bronzeado. O gancho para a produção da reportagem foi justamente por esses espaços estarem movimentados mesmo durante o inverno e em uma cidade tão longe da praia, o que mostra que a cultura do bronze não é sazonal e também não está relacionada a frequentar espaços em que é esperado o uso de biquíni, como praias, clubes e piscinas – o bronze de fita, como a fotógrafa notou, é uma resistência estética da periferia e um símbolo social a ser seguido por mulheres que se identificam com esse lugar. E assim como essas peles são marcadas pelo sol e pela fita isolante, o filme analógico foi queimado pelos raios solares presentes nessas casas de bronze, revelando as imagens expostas; a fotografia analógica e o bronzeamento de fita se encontram também no processamento técnico.

TRAÇOS DO ARQUITETO ACÁCIO GIL BORSOI EM TERESINA

De prédios modernistas a habitações sociais. Obras são referência, visitadas por estudiosos, guardam curiosidades e são quase desconhecidas por teresinenses.



POR VALÉRIA SOARES
FOTOS ANDRÉ GONÇALVES

O olhar atento de um menino nos desenhos rabiscados do pai marcava o início de uma trajetória na história da arquitetura brasileira. Acácio Gil Borsoi se inspirou no traço do desenhista e decorador Antônio Borsoi para projetar obras que demarcaram a modernidade na paisagem urbanística do Brasil, do Nordeste e de Teresina. Um dos primeiros alunos da Faculdade Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (FNA), Acácio foi o responsável pela projeção de prédios importantes para o Piauí, como o Tribunal de Justiça (1975) e a Assembleia Legislativa do Estado (ALEPI, 1986), além do Projeto do Memorial da Praça Da Costa e Silva e do Conjunto Habitacional do Mocambinho.

Nascido no Rio de Janeiro em 1924, a vida profissional de Acácio Gil Borsoi começou na cidade carioca, com a produção de projetos residenciais e prédios institucionais. Ainda graduando e recém-formado, o filho de Antônio Borsoi e Ynayá Pinheiro atuou no escritório de Affonso Eduardo Reidy, nascido em Paris e que fez carreira no Brasil, tornando-se conhecido por obras como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Conjunto residencial Pedregulho e por integrar a jovem equipe modernista do Palácio Capanema, liderada por Lúcio Costa e a presença de Oscar Niemeyer.

Borsoi foi também auxiliar do arquiteto e pintor Rocha Miranda no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Sphan (atualmente Iphan). Anos depois, tornou-se consultor do órgão em Pernambuco. Em Recife, lecionou no curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Belas Artes, onde ganhou notoriedade e influenciou uma geração de novos arquitetos. Dedicou-se também à vida docente, abandonando a academia com a ascensão da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), que impôs severas restrições às universidades.

> BORSOI ALCANÇOU ALTA QUALIDADE CONSTRUTIVA ALIANDO ARQUITETURA MODERNA AO CONHECIMENTO DOS MESTRES DE OBRA, PEDREIROS E OPERÁRIOS LOCAIS.
> RÔMULO MARQUES, ARQUITETO

A década de 1950 marca o início dos projetos de Borsoi em Pernambuco. O conjunto residencial da Praça Fleming foi uma das primeiras obras de habitação coletiva em Recife. Nesse período, o arquiteto começou a projetar edifícios que contribuíram com a verticalização da cidade, trabalhou em desenhos para residências e nos esboços do projeto do Hospital Restauração e no Museu de Arte Moderna do Recife.

Dos anos 1960 aos 2000 sua produção se espalhou por São Paulo, Rio de Janeiro e Teresina, onde teve filiais do escritório Borsoi Arquitetos Associados.

Na capital do Piauí, Borsoi realizou uma das obras mais importantes da sua carreira, visitada por arquitetos de todo o Brasil: o Tribunal de Justiça do Estado. Eduardo Borsoi, filho de Acácio e também arquiteto, diz que o projeto do pai foi concebido com a ideia de ser um abrigo para a justiça e a população. "O cidadão é protegido por aquele prédio e no amparo das leis. Os pilares são como uma grande árvore de concreto, construída pelo homem, e simbolizando um abrigo".

A obra é tida como um sonho realizado de Borsoi e também uma ousadia para a época, em Teresina, dada a novidade do projeto em concreto armado, experimentada pelos arquitetos modernistas no Brasil e no mundo, como Le Corbusier. "Foi uma experiência até meio experimental, mas com um resultado incrível!", comenta Eduardo. As características do edifício, de porte vazado, com lâminas de concreto verticais sustentando a cobertura plana, tem relação com as estruturas de um fórum romano, mas com elementos modernistas. "Ele conseguiu colocar no Tribunal de Justiça do Piauí a ideia de fórum, inclusive com praça e microclima interno, com os elementos em volta, que são os conjuntos de colunas", diz Eduardo, que também é professor de arquitetura em faculdades particulares em Teresina.

ARQUITETURA BRUTALISTA E ADEQUADA AO CLIMA

Rômulo Marques, arquiteto e pesquisador de Borsoi, aponta que o domínio do concreto armado, usado nos projetos de Borsoi, foi uma técnica que permitiu a qualificação da mão de obra brasileira do setor da construção civil. Sobre o prédio do Tribunal de Justiça do Piauí, ele diz: "Em Teresina, esse é o primeiro destaque de adequação de projeto às tradições construtivas locais. Ele alcançou alta qualidade construtiva aliando arquitetura moderna ao conhecimento dos mestres de obra, pedreiros e operários locais".

O Tribunal de Justiça do Piauí entrou para a história da chamada Arquitetura Brutalista - obras grandiosas que privilegiam a "verdade estrutural'' das edificações e não escondem elementos como concreto, vigas e pilares - sendo um dos primeiros no Nordeste nesse estilo. Atualmente o prédio está em processo de tombamento, para ser reconhecido como patrimônio Histórico e Cultural. Antes disso, foi barrada a construção de um anexo que descaracterizaria a estrutura do prédio.

Borsoi fez parte do segundo movimento modernista do Brasil, a chamada arquitetura moderna crítica. Segundo Eduardo Borsoi, arquiteto e filho de Borsoi, os trabalhos dele se dedicavam a dialogar com o ambiente. Em Teresina, nos projetos do Tribunal de Justiça e da ALEPI, por exemplo, foram levados em consideração o terreno em que os prédios estão localizados e o clima da cidade para criar o desenho das obras.

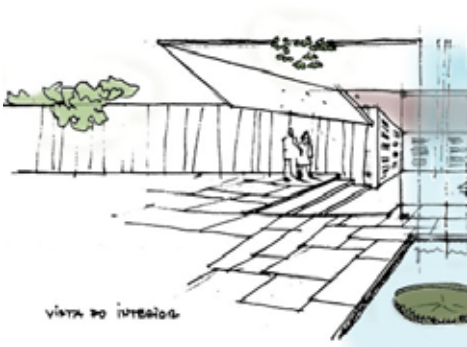
Na Assembleia Legislativa Borsoi utilizou materiais que reduzem o calor, como tijolo de barro, cerâmica, seixo e concreto. "Para Teresina era essencial a ênfase na ventilação, por isso as coberturas que avançam sobre o prédio e os elementos vazados", explica Eduardo.

A professora de Arquitetura da Universidade Federal do Piauí (Ufpi) Ana Rosa Negreiros, pesquisou sobre o arquiteto em seu mestrado e menciona, em artigo, que Borsoi buscou o equilíbrio entre luz e sombra, diante do sol do Piauí, para executar um projeto moderno e mais adequado às condições climáticas.

A obra concebeu três espaços que articulam uma estrutura bioclimática: a praça cívica, na área externa; os blocos de dois e três pavimentos, onde estão os gabinetes dos deputados e espaços administrativos; e, por fim, a área do plenário e serviços complementares.

A sensibilidade com que o arquiteto pensou a adequação bioclimática, sobretudo a proteção à incidência direta de radiação solar, associada a soluções até então não exploradas na capital, reforça o compromisso com a modernidade arquitetônica", explica o arquiteto e pesquisador Rômulo Marques.

Outra marca arquitetônica de Borsoi na capital do Piauí está no projeto da praça Da Costa e Silva (1975), às margens do rio Parnaíba. O trabalho do arquiteto consistiu em um memorial que faz homenagem ao poeta nascido em Amarante e dialoga com o projeto paisagístico da praça, assinado pelo paisagista Roberto Burle Marx. No espaço estavam gravadas poesias de Da Costa e Silva, mas hoje a situação é de abandono.



Eduardo Borsoi destaca que a praça representou um marco para a cidade, quando Teresina estava começando a constituir seu acervo arquitetônico. "Além da homenagem ao poeta, a praça revela um reconhecimento local, geográfico ou topográfico, ao utilizar um córrego natural, a céu aberto, no trânsito pela praça e monumento", diz.

MOCAMBINHO: 12 MIL CASAS, ÁREA VERDE E CIRCULAÇÃO DOS MORADORES

Borsoi era conhecido pelos grandes projetos modernistas, mas não se limitou a uma vertente. Ele também trabalhou em projetos sociais de habitação. O de maior destaque foi Cajueiro Seco (1961/1964), em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Diante de condições precárias de habitação, o arquiteto envolveu os moradores e utilizou materiais de fácil acesso e conhecimento do manuseio, como taipa de pilão, barro armado e palha.

No Cajueiro Seco foram construídos escola, centro de trabalhos comunitário, ruas, quadras e acesso ao transporte. O projeto foi apresentado em um congresso internacional de Arquitetura, em Cuba, como referência de modelo de habitação coletiva. O golpe de 1964 interrompeu o projeto, cortou o orçamento disponível para as construções e expediu mandado de prisão contra Borsoi.

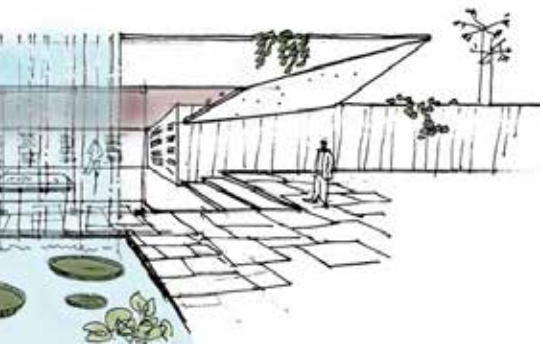
No projeto Favela-Bairro, no Rio de Janeiro, considerado modelo de programa de urbanização em áreas carentes, o arquiteto também trabalhou na integração da comunidade e foi premiado pela União Internacional dos Arquitetos. "Mudar realidades com projetos sociais é uma luta. Muitas obras de meu pai foram desenvolvidas junto a prefeituras, governos, para que fossem viabilizadas", comenta Eduardo.

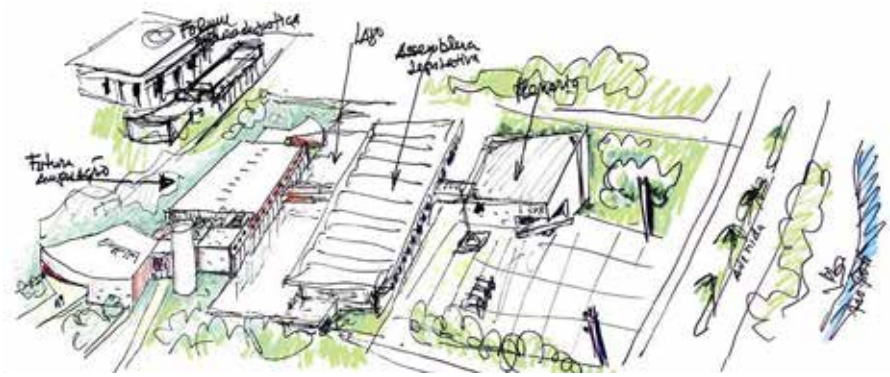
As obras de habitação coletiva também impactaram a vida dos teresinenses. Borsoi projetou o conjunto habitacional do bairro Mocambinho (1979), com a construção de 12 mil casas dentro das regras do Banco Nacional de Habitação, onde a moradia projetada leva em consideração a renda da população e o desenvolvimento econômico local como centro urbano.

O conjunto foi projetado com vias de transporte no entorno, vias vicinais e áreas de vegetação, além de vias de pedestres transversais para a circulação dos moradores. Segundo o pesquisador Rômulo, o projeto de moradia de Borsoi foi uma experiência exitosa para Teresina. "O Mocambinho é testemunho que boas políticas públicas são capazes de promover mudança para melhor na vida das pessoas. Inicialmente destinado à população socioeconomicamente vulnerável, que não tinha acesso basilar ao direito à cidade – que é a moradia –, o conjunto foi se transformando e hoje se projeta como uma centralidade urbana, cujos moradores manifestam orgulho de pertencimento".

Para o estudioso, o Mocambinho foi fundamental na condição urbana da zona norte de Teresina, contribuiu para expansão do sistema de equipamentos urbanos e comunitários do município e também possibilitou que a região atraísse investimentos para a execução de projetos estruturantes. "Da pequena à média escala de intervenção, o Mocambinho tem atuado como laboratório na estruturação urbanística de Teresina", disse.

Borsoi recebeu pedido do ex-governador Alberto Silva para a construção de um novo e moderno teatro para Teresina. Eduardo conta que a proposta era ótima, porém, em visita às instalações do Theatro 4 de Setembro, na Praça Pedro II, Borsoi percebeu que o valor histórico e social se sobrepunha à criação de um novo espaço. Exímio na preservação arquitetônica, ele então orientou que Alberto Silva descartasse a ideia de





um prédio novo e reformasse e recuperasse o 4 de Setembro. "A arquitetura não é só fazer prédio novo, tem hora que você tem que tirar o chapéu para prédios antigos, que é onde você trabalha valores, história",diz Eduardo.

Borsoi também trabalhou na revitalização do Palácio de Karnak, sede do Governo Estadual, e no Palácio da Cidade, edifício sede da Prefeitura de Teresina.

LEGADO PARA A ARQUITETURA

Referência para a arquitetura moderna brasileira, Borsoi é estudado por profissionais e acadêmicos da área. A professora Ana Rosa Negreiros realizou levantamento sobre a arquitetura do Brasil pós 1950, e cita Borsoi como referência do movimento moderno.

Outros trabalhos que estudaram a formação clássica do arquiteto na FNA também examinaram os aspectos de civismo e monumentalidade das obras e as questões bioclimáticas dos projetos. O projeto do Conjunto do Mocambinho e as transformações no espaço e tempo também são referências em estudos.

Em parceria com o arquiteto Rômulo Marques, Ana Rosa organizou o livro *Acácio Gil Borsoi: produção arquitetônica moderna em Teresina*, sobre a vida, formação acadêmica e obras modernistas do arquiteto em Teresina. Os autores se referem a Borsoi como um dos arquitetos de maior relevância na historiografia da arquitetura do Nordeste brasileiro.

> "PARA TERESINA ERA ESSENCIAL A ÊNFASE NA VENTILAÇÃO, POR ISSO AS COBERTURAS QUE AVANÇAM SOBRE O PRÉDIO E OS ELEMENTOS VAZADOS.
> EDUARDO BORSOI, ARQUITETO

Rômulo pontua que, para os profissionais da arquitetura piauiense, é importante revisitar a obra de Borsoi e imergir na cultura arquitetônica brasileira, responsável pela projeção do Brasil na cena internacional. Ele destaca que o contato com a obra do arquiteto em Teresina pode inspirar uma educação patrimonial, pois há referências culturais locais e universais que podem despertar identificação, à medida que as pessoas tenham acesso aos espaços concebidos por ele e possam usufruir do melhor da arquitetura, hegemonicamente acessível à classe rica.

Ele também comenta que tem presenciado em Teresina o declínio de práticas arquitetônicas em favor da economia e demandas do mercado imobiliário. "A paisagem urbana de Teresina vem sendo violentada por edificações sem qualquer compromisso com questões identitárias, climáticas, com o bem-estar dos usuários, ou com a escala humana. Entender verdadeiramente a produção de Borsoi é perceber que o impacto de uma demanda de redução de custos não necessariamente deve implicar na concepção de objetos arquitetônicos triviais", adverte, lamentando que práticas contemporâneas possam, de certa forma, ocultar o legado de Borsoi para futuras gerações.

FOTO: RUA2

POR ONDE PASSA A MEMÓRIA

Teresina ganha murais e pinturas que desafiam o concreto da paisagem urbana e expressam a identidade da cidade.

POR OHANA LUIZE
FOTOS MAURÍCIO POKEMON
E RUA2

Da janela do transporte público, enquanto esperam o sinal abrir para continuar o trajeto no carro, durante uma caminhada rápida em meio aos compromissos diários ou rolando a tela do celular pelas redes sociais. Em várias situações, teresinenses agora podem se deparar com cores, traços e histórias, convites à atenção em tamanhos grandiosos.

A memória que se constrói sobre a cidade vai ganhando novos elementos. Em meio ao retorno das atividades nas ruas após meses de isolamento na pandemia, no segundo semestre do ano de 2021 essas manifestações ganharam força, surgindo em prédios públicos, em parcerias realizadas com empresas privadas ou com a realização de novos circuitos e festivais de arte urbana. Para além da estética, essas ações promovem reflexões sobre uso e identidade do patrimônio histórico e arquitetônico e são provocações, além de valorizar a produção de artistas da cidade.

O Circuito Urbano de Intervenções Artísticas (CUIA Teresina) é uma dessas ações. Lançado com o chamado "bora discutir a cidade?" e tendo a região central como palco, propôs um conjunto de debates, instalações e exposições que permanecem acessíveis à população.

Com o grafite, Marcus Batista, o Maku, foi um dos responsáveis pelo projeto "Tinta na Federal", reunião de artistas que, em 2018, deram os tons para 1,3 km em pinturas nos muros da Universidade Federal do Piauí (UFPI). "Ainda naquele ano nós lançamos o catálogo Galeria de Arte Urbana no Salão do Livro do Piauí que foi relançado no festival CUIA em formato de e-book". Marcus divulga todos os trabalhos por meio do perfil no Instagram @arteurbanateresina. Reunindo experiências anteriores, Maku, muralista e membro da produção do festival, conta que o CUIA Teresina foi uma oportunidade de troca, e permitiu acompanhar novos artistas e perceber a força da atuação coletiva na promoção do diálogo entre arte e população.

O artista assina os murais "História esquecida" e "Liberdade", feitos em sequência, no entorno da histórica Igreja São Benedito. As obras resgatam a figura do escultor negro Sebastião Mendes e as pessoas escravizadas envolvidas na construção do projeto arquitetônico que é cartão postal de Teresina. "Esse artista foi responsável por esculpir algumas das portas da igreja, fundamentais para o processo de tombamento. Um personagem que as pessoas desconhecem. E isso também em relação ao segundo mural onde trago as mulheres, os escravizados, pessoas que tiveram papel ativo na construção histórica da nossa sociedade e isso não se conta".

Reivindicando o lugar político da arte, Lu Rebordosa diz que festivais como o CUIA Teresina estavam adormecidos, enquanto cidades menores contam com circuitos de arte urbana com mais frequência. "Faço arte de rua desde 2013 e percebo que a falta de incentivo, junto com uma mentalidade provinciana de achar que fazer arte é brincadeira, são dificuldades. A arte de rua é associada a vandalismo e as pessoas só prestam atenção quando acontece e é valorizada em outros lugares, o que é uma pena", opina a educadora e artista visual.

> A IDEIA DE OCUPAR A CIDADE, COLOCAR O ESTILO A SERVIÇO DA CRIAÇÃO DO PENSAMENTO ENVOLVENDO O MURALISMO É CONSTRUIR A IDENTIDADE VISUAL DE TERESINA. HUDSON MELO

Lu presenteou a cidade com a obra "Pirá kwery", uma representação da cultura ribeirinha e do respeito à natureza, e pode ser vista no Mercado Central São José, o conhecido Mercado Velho de Teresina. "Fiquei uma semana lá, vendo pessoas que não tem tanto acesso à educação, são empobrecidas e vivem nas zonas periféricas. Elas conversavam, comentavam e refletiam sobre essa relação entre o que eu estava fazendo e os rios, com a nossa memória e identidade. Pirá kwery evocando a mãe que protege, olha por nós e não deixa faltar alimento para os humanos e todos os seres".

Transformar é preciso. Com essa convocatória, o festival Retalho foi mais uma ação para reunir estilos e gerações de artistas, que espalharam pinturas com conceitos sobre a criação da memória de Teresina por meio da visualidade. Hudson Melo, artista visual com diversas intervenções e trabalhos com o grafite, murais e outros painéis, compôs o festival e destaca os diálogos que foram proporcionados.

"É uma forma de mostrar a singularidade dos artistas, mas também de discutir coletivamente e com o poder público sobre como tratar essas obras. A ideia de ocupar a cidade, colocar o estilo a serviço da criação do pensamento envolvendo o muralismo, é construir a identidade visual de Teresina. É uma intenção minha, de outros artistas, mas que nesse projeto conta com outras pessoas, com mais mídia, com apoio de órgãos públicos, uma dimensão bem maior", explica Hudson.

Executada em um dos prédios que compõem o Centro Administrativo do governo do Piauí, a obra de Hudson Melo no festival Retalho apresenta reflexão do artista sobre a travessia da humanidade no período pandêmico. "Meu trabalho é preocupado com questões locais, a relação com a infância e um olhar atento sobre a atualidade. Nesse mural eu trago essas questões do isolamento, da exclusão, das perdas e dos significados que esse tempo nos trouxe, bem como o sentido de querer fazer essa travessia juntos".

FOTO: MAURÍCIO POKEMON

PARCERIAS E O LUGAR DA ARTE

Os debates sobre incentivos públicos e privados à cultura, a relevância dos editais de fomento e patrocínios ganharam força nos últimos anos, em decorrência das crises pelas quais tem passado o setor cultural no Brasil. Entram em cena projetos e acordos que fazem parte do processo até que a finalização do trabalho ganhe o olhar do público.

"Nós, artistas, aplicamos cores na pele da cidade, habitamos as paredes e colocamos vida onde tem vazio. Para isso acontecer, precisamos de mais incentivos das empresas públicas ou privadas e espaços que podem ser provisórios ou fixos", afirma Sanatiel (Saná) Costa, artista visual que tem obras em diversos espaços da capital e atua também na publicidade. Ele sugere que cada vez mais a cidade tenha calendários organizados no segmento como forma de incentivo e para ampliar as oportunidades de apoio.

FOTO: MAURÍCIO POKÉMON

Em 2021, Saná executou o mural do edifício sede da empresa Equatorial Piauí, em Teresina, com 571 m². O projeto apresenta representações da cultura regional por meio de elementos da natureza, como o caju, a carnaúba, os pássaros e plantas, contemplando a interação entre a prestadora de serviços e a identidade local.

"Percebemos na riqueza da arte urbana produzida no estado uma oportunidade para comunicar valores, com linguagem contemporânea e aproximativa. Artistas com trabalho autoral e grupos de artistas foram procurados para dar vida aos muros da empresa. E, hoje, cidades como Teresina, Luís Correia e Palmeirais têm verdadeiras galerias de arte a céu aberto", diz Lener Jayme, Presidente da Equatorial Piauí. A empresa foi uma das patrocinadoras do festival Retalho.

FOTO: MAURÍCIO POKEMON

> MAS NA SUA ESSÊNCIA, O GRAFITE VAI PARA A RUA E TRANSFORMA ESPAÇOS ABANDONADOS EM OBRAS DE ARTE A CÉU ABERTO.
>
> MARCUS BATISTA - MAKU

A Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Piauí e os editais do Sistema de Incentivo Estadual à Cultura (Siec) também estiveram na estrutura de realização dos recentes festivais, bem como agências, produtoras, associações, órgãos públicos e empresas patrocinadoras.

Hudson Melo considera que as parcerias merecem ser observadas e que bons projetos são um primeiro passo para garantir relações de apoio sérias e positivas para as artes e para os artistas. "É preciso apresentar as intenções artísticas e deixar claro o papel dos apoios, dos patrocínios e onde entra a arte. Muitas vezes a cidade é tão carente que as pessoas podem confundir propaganda com arte. Os incentivos abrem portas, e precisamos nos aproximar mais e com detalhamentos".

A RUA COMO RECURSO

Para Maku, o reconhecimento mais importante vem da aproximação das pessoas com a sua própria história. Ele diz que os episódios de abordagens preconceituosas que já passou ao pintar na rua são fruto de preconceitos e associações erradas, que colocam grafiteiros quase que como criminosos, duvidando da seriedade de quem trabalha e tira o sustento da arte. "Dentro desse ato vem as

“

FAÇO ARTE DE RUA DESDE 2013 E PERCEBO QUE A FALTA DE INCENTIVO, JUNTO COM UMA MENTALIDADE PROVINCIANA DE ACHAR QUE FAZER ARTE É BRINCADEIRA, SÃO DIFICULDADES. LU REBORDOSA

abordagens que podem até ser violentas. Mas o grafite vai para a rua e transforma espaços abandonados em obras de arte a céu aberto”.

O amor pela arte faz com que Lu Rebordosa mantenha sua resistência em continuar seus trabalhos e propósitos. No entanto, ela deixa claro que não se trata de um ideal romantizado. “Eu digo que é uma rEXistência. Infelizmente é uma cidade que não abraça novas e novos artistas, ainda é muito elitista, onde tem as panelinhas daqueles que conseguem vender suas obras. Por outro lado, o material aqui é mais caro, o frete também, algumas coisas que precisamos não conseguimos encontrar e isso cria barreiras para aumentar a profissionalização do nosso trabalho”.

Além de toda a questão representativa, murais, pinturas e os recentes festivais remetem a assuntos como preconceitos e a marginalidade dada às manifestações de arte urbana. É possível dizer que essas obras, além de trazer beleza e cor, acenderam sinais de atenção sobre o passado, o presente e o futuro da cidade e de seu povo. É arte na rua, acessível para todos. Representações de histórias e pessoas invisibilizadas e violentadas. Narrativas de feridas que seguem abertas.

Assim como no verso da música *A Rua*, de Torquato Neto, referência que dá título a essa matéria, a memória da cidade segue seu curso, como um rio, que se movimenta por toda parte. Com insistência.

FOTO: MAURÍCIO POKEMON

Esquerda: no hostel na Ásia;
Abaixo: viagem na pandemia pela Chapada Diamantina;
Mais embaixo: viagem a Singapura.

"EU QUERIA SER PASSAGEIRA"

Após a aposentadoria, avó viaja quase 50 países e realiza sonho de infância.

POR VALÉRIA SOARES

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

"Partindo hoje para ganhar o mundo. Quem quiser me encontrar, vai ser por aí". O anúncio no banner do perfil de Facebook da aposentada Josefa Feitosa, 62 anos, foi uma decisão tomada em meados de 2008, quando passou a fazer economias para realizar seu maior sonho: viajar pelo mundo. Aposentada em 2016, avisou à família que ia viver onde a mala está.

Jô, como é conhecida, se define como mulher preta, vidóloga, que ama gente "por atacado e varejo". No auge da sua sexta década, esbanja felicidade ao falar sobre suas viagens. Foi de uma casa alugada em Rio Branco, no Acre, que contou para Revestrés como estava aproveitando os dias para conhecer mais o Brasil, pois não conseguiu atravessar a fronteira de Bolívia e Peru por conta da pandemia.

Cearense de Juazeiro do Norte, antes de ter os carimbos oficiais de 48 países no passaporte levava vida oposta à liberdade que encontrou nas viagens. Josefa era Assistente Social no sistema prisional em Fortaleza, capital do Ceará. Dos 28 anos de trabalho, os três últimos foram dedicados a lutar pelo direitos das mulheres transexuais e por melhores condições nas cadeias do estado. Desenvolveu projetos sociais com as detentas, como o fanzine "Só Babado", em que relatava a rotina do presídio, e também produziu um documentário, recebendo convite para apresentá-lo em Portugal - e atendendo a esse convite.

Sair da rotina e viajar sempre fez pulsar forte o coração de Josefa. "Meu pai me perguntava o que eu queria ser, e eu dizia que queria ser passageira, porque achava que passageira era a pessoa que ganhava dinheiro, vivia bem, viajava", conta, relembrando a época em que visitava a estação de trem e sonhava ir embora da sua cidade.

Em Fortaleza estudou, conseguiu emprego, casou, teve filhos. "Eu seguia todo aquele ritmo, mas tinha vontade de sair, sabe?". Teve um casamento conturbado, desfeito após 8 anos, criou três filhos e tem um neto.

Quando decidiu viajar pelo mundo, começou a viver com orçamento limitado. "As pessoas diziam: 'olha, tu é preta, vai ter problema', 'tu é preta e não sabe falar outra língua', 'precisa de muito dinheiro'. Eu ficava naquela loucura de guardar dinheiro. Quando eu tava naquele desespero que era minha vida - de casa, trabalho e cobrança demais –, sonhava em viajar".

A aposentadoria veio em meio a uma rebelião no presídio. Quando começou a viajar pelo Brasil, passou 10 dias num barco entre Belém e Manaus. Depois foi para São Paulo e Paraná. As primeiras viagens foram em pacotes turísticos, mas essa forma passou a lhe incomodar. "Nos pacotes, comecei a não querer fazer alguns passeios e sentia falta de conhecer o centro das cidades", conta.

Em 2017, após passagem por Portugal para falar de seu documentário, fez a primeira temporada na Europa, conhecendo também Suíça, Espanha e Alemanha. Sem falar inglês, em Munique teve seu primeiro grande perrengue. "Eu perdi o trem e fiquei desesperada. Munique era muito louca, grande, movimentada, e eu não sabia nem por onde andar. Foi aí que realmente percebi que precisava fazer um curso de inglês".

Para se manter legal na Europa e estudar, passou cinco meses na Irlanda. Morou na casa de uma família em que o anfitrião era brasileiro, e aprendia inglês enquanto cuidava das duas filhas dele e assistia desenhos na TV. "Fui aprendendo tanto com as crianças que abandonei a escola", diz aos risos. No tempo livre, arrumava trabalhos extras que ajudavam a custear viagens para Bélgica, Londres e Paris.

"Tenho meu dinheirinho, gasto comigo. Nem sempre posso fazer tudo, mas as coisas que quero fazer, economizo e dá certo. Deu para sobrevoar o Everest [montanha mais alta da Terra]", diz, emocionada. Com a renda da aposentadoria e aluguel do apartamento em Fortaleza, arcou com os custos para conhecer a maioria, mas também adotou o minimalismo para viajar mais. "Aprendi a comer melhor. Você come a comida mais natural, até porque não tem muito dinheiro para ficar comendo carne por aí", explica.

"AVÓ NÃO FOI FEITA PARA CUIDAR DE NETO"

Jô ficou conhecida na internet em 2019, após uma frase sua viralizar: "Avó não foi feita para cuidar de neto" - dando título a uma notícia veiculada pela BBC Brasil. A matéria foi compartilhada pelo humorista Whindersson Nunes no Twitter, brincando com a situação das mães que dizem "qualquer dia vou sumir" e ninguém acredita até que, 40 anos depois, ganham o mundo - como Josefa. A frase ganhou repercussão em outros países, como Colômbia, Equador e Argentina.

Jô acredita que as pressões sobre a mulher se estendem pela vida inteira. "Após certa idade, ainda há o preconceito de pessoas que dizem: 'tá velha e não sabe de nada'", comenta. "É muito cruel. Além disso, ainda há obrigações com netos, pois os filhos casam e separam e voltam pra casa trazendo netos, que muitas vezes ficam sob a responsabilidade da avó".

Ela conta que a filha Isabel Feitosa teve um filho cedo, aos 17 anos, e garante que, à época, deu o suporte que a filha precisava. "Amo demais meu neto. Mas fiquei com ele quando estava com tempo e disponilidade". Fala que ganhar o mundo melhorou até a relação com os filhos."Não queria que meus filhos tivessem preocupação com minha velhice. O começo foi difícil. Minha filha dizia: 'aqui foi o contrário: minha mãe é que deixou o ninho vazio'". Josefa se desfez do imóvel que alugava e passou tudo que tinha para os filhos. Sua única preocupação é o próximo destino.

A lacuna deixada em casa passou a ser preenchida com relatos das viagens para a família, através de cartas. A filha Lilith Feitosa sugeriu à mãe que publicasse fotos no Facebook. Josefa, mesmo tendo dificuldades para usar redes sociais, começou a compartilhar a experiência. Mas as fotos não tinham foco e a filha chamava sua atenção. "'Mainha, que diabo é isso que tu botou aqui?' E eu respondia: 'Minha filha, estou em Londres'. E lá vinha ela com o sermão: 'Mãe, tanta coisa pra você ver em Londres, você vem botar uma porta, uma calçada, uma plantinha'", gargalha.

Josefa com mulheres da aldeia Ifugão, nas Filipinas

> NO INÍCIO NÃO SABIA OLHAR MAPA, COMPRAR PASSAGEM, DEPENDIA DAS PESSOAS

A relação com a internet cresceu à medida que Jô foi ficando conhecida. Isso lhe rendeu entrevistas no programa Encontro, com Fátima Bernardes, algumas participações em publicidade e parcerias. No entanto, ser uma "vovó influencer" de viagens não era sua pretensão. Recusou trabalhos por não fazer parte da sua filosofia viver em função da internet. "Venho tentando ser uma pessoa, aí vem alguém dizer que sou um produto?! Não quero isso pra mim. Abandonei essa história e fiquei com esse ranço", conta sobre o que disse a uma ex-agenciadora do seu perfil do Instagram: @joviajando.

Santuário dos Elefantes no Sudeste Asiático

Voluntariado com crianças no Quênia

Viagem pelo Nepal

> O MUNDO É MUITO GRANDE PARA VOCÊ FICAR APENAS EM UM LUGAR

"O MUNDO É MINHA ESCOLA"

Com colegas de hostels, Jô aprendeu como usar o celular para se desenrolar pelo mundo. "No início não sabia olhar mapa, não sabia comprar passagem, dependia das pessoas", relata, acrescentando que adota netos por onde passa e considera o mundo sua maior escola.

Em relação às barreiras com os idiomas, lembra como passou sufoco no Egito ao tentar explicar que queria chegar às pirâmides. "Eu parti para a mímica, mas fui mal interpretada", conta aos risos. Em sua passagem por 18 países do continente africano, Jô foi presa no Quênia, após ser confundida com refugiados. Sem celular, esquecido no hostel, só após uma noite angustiante conseguiu ajuda para sair. "A gente que é viajante é muito protegido, aparece anjo demais. Já entrei em casas sem saber falar nada, fiquei uma semana e ainda ganhei presente! Na Índia, morei com uma família". Tantos aprendizados ela compartilha também em eventos, como no Encontro Brasileiro de Mulheres Viajantes, realizado em março, em São Paulo, pela jornalista e turismóloga Gilsimara Caresia.

Jô é inspiração para as pessoas que lotam de comentários suas redes sociais. Ela já trocou a mala de rodinhas por mochila, teve romance na estrada, retoca o azul do cabelo quando pode e soma mais de cinco anos percorrendo o mundo. Em sua lista de destinos dos sonhos, diz já ter riscado todos – embora siga montando um roteiro para conhecer a América Latina, quando a pandemia amenizar. "O mundo é muito grande para você ficar apenas em um lugar", finaliza.

OI, GENTE. CHEGUEI!

Déia Freitas é a idealizadora do Não Inviabilize, o podcast que leva a fofoca para tocar no seu ouvido. E vamos de história!

TEXTO E EDIÇÃO: ALDENORA CAVALCANTE
FOTO DIVULGAÇÃO

Déia Freitas é uma mulher negra, de 46 anos, formada em Psicologia, ativista da causa animal e que trabalha como babá de gatos. Na internet, é conhecida como a idealizadora do *Não Inviabilize*, podcast independente que se descreve como um laboratório de histórias reais. Mas para quem é ouvinte assíduo, pode chamar de prima da Janaina, chefe do Mogli, mãe do gatinho Coentro-Nenê e do cachorro Mamão Papaia.

Com tantas funções, o podcast passava longe de ser algo que imaginava fazer, até porque nem sabia exatamente o que era isso. O contato com a mídia surgiu quando foi convidada a trabalhar com roteirização no podcast *Mamilos*, pouco depois de ter saído da área da moda, onde atuava. Depois veio a ideia de fazer seu próprio programa, incentivada por uma amiga podcaster. Antes disso, utilizava as redes sociais para contar histórias. Com a insistência da amiga, decidiu lançar o *Não Inviabilize* que traz uma essência adquirida ainda na infância, quando recebeu o apelido Fofocão. A ideia

deu tão certo que o *Não Inviabilize* emprega doze pessoas e está entre os dez podcasts mais ouvidos do país no Spotify.

O programa ultrapassa a marca de 56 milhões acessos nas plataformas de áudio e os episódios alcançam cerca de 120 mil reproduções, em média. Com dois anos no ar, traz episódios publicados quase diariamente nos quadros: Amor nas Redes, Picolé de Limão, Luz Acesa, Mico Meu, Ficção da Realidade, Patada, Alarme e Pimenta no dos outros. O podcast viraliza como uma boa fofoca: no boca a boca, onde um ouvinte indica os episódios para outros até formar uma legião de fofoqueiros online.

Além disso, expressões e jeito de falar de Déia são aproveitadas por seus fiéis seguidores para temáticas de festa, bolo de aniversário e para se referir a qualquer história que aconteça com eles. Algumas das mais conhecidas são "Não seja ONG de macho" e "Ninguém tem dó de corno", acompanhadas da gargalhada que já é marca registrada da podcaster. Mas quem acompanha o podcast já sabe, ninguém quer viver um Picolé de Limão!

Como são histórias reais, a podcaster tem o cuidado de preservar a identidade das pessoas envolvidas. Para ir ao ar, Déia seleciona as mais interessantes e procura saber tudo que ocorreu na vida real da pessoa que enviou a história para que o roteiro saia completinho, com pitadas de humor e descaracterização dos envolvidos, para que ninguém se sinta exposto.

No entanto, estar no topo do pódio não impede a manifestação de racismo e discriminação, como quando Déia, ao postar uma selfie sua nas redes sociais, teve que lidar com comentários de pessoas que achavam que ela era branca, como se uma pessoa negra não pudesse ocupar esse lugar. Em uma situação mais recente, foi atacada por ter divulgado uma vaga de emprego destinada para pessoas não-brancas – pretas, pardas e indígenas.

Para Revestrés, Déia conta que o *boom* do programa não é algo que a deslumbre ou seduza. "Eu sei onde estou, sei o que eu fiz, mas sempre acho que é um lugar muito instável para quem é negro. Não consigo me sentir consolidada no lugar que estou".

> EU TENHO AQUELA SÍNDROME QUE A MAIORIA DAS MULHERES NEGRAS TEM DE QUE, EM ALGUMA HORA, ALGUÉM VAI ME TIRAR TUDO.

REVESTRÉS Na infância, o seu apelido era Fofocão. Foi aí que nasceu sua vontade de contar histórias?

DÉIA FREITAS Meu tio Arnaldo Pinheiro me colocou esse apelido porque, desde muito pequena, tudo que ouvia os adultos falando eu gostava de replicar e criar a minha história em cima. Uma vez esse meu tio me levou ao banco e cumprimentou a gerente e eu cheguei em casa falando para a minha tia que ele tinha me apresentado a namorada. No fim, deu para desfazer o mal entendido. Eu tinha 3, 4 anos, mas já estava ali, contando história. Então, ele me colocou o apelido de Fofocão. Quando eu estava na escola, gostava de ler e recontar as histórias que lia. E sempre gostei muito de saber a história das pessoas, dos lugares, ouvir as histórias dos outros e contar histórias.

REVESTRÉS Você tanto se interessou por contar histórias, que o conteúdo do seu podcast é justamente isso.

DÉIA FREITAS Sim, o podcast, na pandemia, meio que deu uma explodida e basicamente sou eu ali contando histórias das pessoas que me enviam.

REVESTRÉS Antes do podcast, você contava histórias em outras plataformas online. Como o *Não Inviabilize* de fato nasceu?

DÉIA FREITAS *Não Inviabilize* era a minha conta do Twitter, que criei por causa do blog que tinha antes, chamado "Não Inviabilize a minha existência". Alguém viu ali no meu perfil que eu era psicóloga e me mandou uma DM perguntando umas coisas e contando uma história da vida, e eu falei: "Olha, esse não é o papel do psicólogo, eu não tenho como te ajudar nisso, mas posso recontar sua história aqui na minha timeline e você olha ali nos comentários se tem alguma sugestão que serve para você". Aí começou assim. No primeiro dia que fiz, minha caixa de DM já travou de tanta gente querendo que eu fizesse a mesma coisa. Aí comecei a contar histórias de maneira despretensiosa.

REVESTRÉS Em que momento você teve a "virada de chavinha" e pensou que poderia contar as histórias em outro formato, como o podcast?

DÉIA FREITAS Eu nunca tive essa "virada de chavinha." Quem virou a minha chavinha foi uma podcaster chamada Priscila Armani, que insistia muito para que eu fizesse um podcast e eu nem queria, porque nem sabia o que era um podcast. Ela me convenceu a abrir um canal no Telegram e eu passei um ano contando histórias em áudios. Após isso, a Priscila falou: "Você não acha que já está pronta para ter um podcast?". Aí decidi fazer, marquei um estúdio onde consegui gravar duas histórias antes de vir a pandemia e depois comecei a gravar em casa.

REVESTRÉS E aí viralizou…

DÉIA FREITAS É. Nem sei como viralizou, como as pessoas foram descobrindo, mas chegou em um ponto que tava todo mundo, de boca a boca, um contando para o outro e indicando. A gente foi crescendo assim, de maneira orgânica mesmo.

REVESTRÉS Como é para você ser uma mulher negra, aos 46 anos, idealizadora de um podcast

“

NÃO VOU DEIXAR DE FALAR AS COISAS QUE ACREDITO PARA TER MAIS OUVINTES. NUNCA FUI UMA PESSOA NEUTRA E NÃO É AGORA, COM 46 ANOS, QUE VOU SER.

independente que está no ranking dos mais ouvidos do país?

DÉIA FREITAS Sendo bem sincera, tenho aquela síndrome que a maioria das mulheres negras tem de que, em alguma hora, alguém vai me tirar tudo. Não sei se você entende isso. Eu não sei dizer. Sei onde estou, sei o que eu fiz, mas sempre acho que é um lugar muito instável para quem é negro. Não consigo me sentir consolidada no lugar em que estou. É um pouco complicada a minha relação com essa coisa do pódio, de estar ali entre os mais ouvidos, é meio surreal para mim ainda.

REVESTRÉS O *Não Inviabilize* possui uma relação bem consolidada com os ouvintes. Como você vê essa rede sólida de interação?

DÉIA FREITAS Acho maravilhoso! Tem um pouco de identificação por ser só eu ali, contando história, eu e o microfone, tem um ar mais intimista. Eu gosto muito que as pessoas conversem entre si no grupo do Telegram. Você entra lá, ninguém conhece ninguém e daqui a pouco tá todo mundo amigo, porque estão ali para comentar as histórias. Um dia, no Twitter, um padre disse que estava viciado no podcast. Eu nem sei se não é pecado! E aí um monge respondeu que também é ouvinte do *Não Inviabilize*. Olha onde a gente está chegando! Acho isso muito engraçado, alguns lugares que estou acessando e que jamais imaginei que acessaria.

REVESTRÉS No podcast você fala muita coisa do seu dia a dia e se posiciona politicamente também. Já sofreu algum *hate* por conta disso?

DÉIA FREITAS Às vezes as pessoas escrevem aborrecidas porque descobrem que vou votar no Lula e falam que não vão ouvir mais e passa um tempo e tão ouvindo. Agora que eu disse que vou fazer uma série de histórias de pessoas que foram beneficiadas por programas como “Minha casa, minha vida”, “Prouni”, já rolou um movimentinho do tipo “Ah, vamos deixar de ouvir”. Não posso fazer nada. Vai deixar de ouvir, tudo bem, é o direito que a pessoa tem. Mas eu não vou deixar de falar as coisas que acredito para ter mais ouvintes. Nunca fui uma pessoa neutra e não é agora, com 46 anos, que vou ser. Eu não posso fazer muita coisa, só lamentar. Até entendo porque, dependendo da pessoa e do que ela acredita politicamente, também não vou ouvi-la.

REVESTRÉS Recentemente você lançou uma vaga de assistente de roteiro para pessoas não-brancas e isso teve muita repercussão, com gente questionando os critérios de seleção. Essa sensação do lugar instável tem alguma relação com sua preocupação em priorizar pessoas não-brancas nas contratações para a equipe do podcast?

DÉIA FREITAS Olha, só pela vaga que lancei de assistente de roteiro para pessoas pretas, pardas e indígenas, perdi quase mil e quinhentas assinaturas de apoio. É um número expressivo, a gente está falando de mais de 15 mil reais no mês apenas por ter criado uma vaga de emprego direcionada a uma população que, tenho certeza, não tem as mesmas oportunidades. Foi muito fácil para as pessoas deixarem de me apoiar. É muito fácil ainda.

> PERDI MAIS DE 15 MIL REAIS NO MÊS APENAS POR TER CRIADO UMA VAGA DE EMPREGO DIRECIONADA A UMA POPULAÇÃO QUE NÃO TEM AS MESMAS OPORTUNIDADES.

E sinto que a qualquer momento, se eu der uma deslizada, as pessoas vão parar de me ouvir. É isso que falo da instabilidade do lugar, parece que é um lugar que a gente está ocupando, mas que não pertence a nós. Eu tenho essa sensação. Tanto que não é uma coisa que me deslumbra, essa coisa dos números do podcast. Gosto de citar às vezes para dizer, "olha, a gente chegou", mas não é uma coisa que me seduza.

REVESTRÉS Você falou que qualquer erro pode te desestabilizar, o que é muito forte, quando você pensa na ocupação de outros lugares, sendo uma mulher negra, principalmente, produzindo conteúdo e se esforçando mais para fazer tudo perfeito…

DÉIA FREITAS Exatamente. Tomo mil vezes mais cuidado com tudo para que não deslize. Eu até comentei no Twitter que o verdadeiro cancelamento, para mim, é quando você estrangula financeiramente ou inviabiliza os projetos de alguém. E, por uma vaga que eu criei, isso aconteceu.

REVESTRÉS E como foi lidar com essa situação? Isso lhe abalou?

DÉIA FREITAS Me abalou bastante. Percebi que ali, no lugar que achei que estava e que podia trazer mais gente para perto, talvez eu até prejudicasse as pessoas que trouxesse. Muita gente mandou mensagem perguntando quanto as pessoas que trabalham comigo ganhavam. Então não afetou só a mim. Todo mundo que trabalha comigo, de certa forma, foi meio que invadido nesse processo. Me deu muito medo disso. Porque aguentar a bronca sozinha é uma coisa, agora, envolver pessoas que trabalham comigo e que não optaram por fazer aquela vaga do jeito que eu quis fazer, isso me doeu mais. Tentei proteger realmente quem trabalha e tá comigo todo dia. Foi o que mais me angustiou: o medo de não conseguir proteger as pessoas que estão do meu lado.

REVESTRÉS Como você vê o papel do produtor de conteúdo e do podcast, quando se trata de priorizar questões de diversidade e inclusão?

DÉIA FREITAS Não posso falar pelos outros produtores de conteúdo, vou falar por mim. No lugar que estou agora, mesmo achando que não seja estável, é minha obrigação puxar para junto de mim, o máximo de gente que conseguir. Sabe aquela coisa de você estar se salvando num navio e tem um monte de gente ali na água? Vou tentar trazer para dentro do navio o que conseguir. É mais ou menos assim que vejo. Toda oportunidade que tenho, tento fazer com que aquela vaga, aquele espaço, seja mais inclusivo. Posso fazer pouquíssima coisa, porque sou uma mulher só e com trabalho independente, mas o que consigo, eu faço.

REVESTRÉS Inclusive você apoia iniciativas de forma mais discreta, sem muito holofote…

DÉIA FREITAS Tudo que sobra do financiamento coletivo tento repassar realmente para algumas ações. Mas nem sempre consigo, porque sou sozinha. Por exemplo, nesse mês que perdi 15 mil, muita coisa que queria fazer já não vou conseguir. É esperar recuperar de novo.

REVESTRÉS Quais as próximas produções do podcast?

DÉIA FREITAS Fazer uma série com a produtora Fábrica, que já está bem avançada e também um contrato com uma editora, que não posso dizer ainda qual, para desenvolver dois livros. Nos dois contratos, consegui colocar também uma cláusula afirmativa que diz que ali tem que ter pessoas pretas, pardas, indígenas, trans e PCDs em qualquer produção minha. Eles aceitaram numa boa e achei muito legal, e a gente vai colocar isso em prática na série.

REVESTRÉS Para encerrar: Por que nomear de pônei as lojas e marcas no podcast?

DÉIA FREITAS Eu sempre gostei de pônei. As pessoas, infelizmente, confundem pôneis com unicórnios. E no começo eu falava as marcas, mas aí uma advogada me alertou que isso poderia me causar problemas no futuro, alguma marca poderia pedir para retirar, ou poderia me processar. E aí, falou: fala alguma coisa genérica, mas não fala o nome da marca e aí eu mudei tudo para pônei. Я

14.000 m² para a Cultura

O novo Centro de Convenções de Teresina - CCT - foi inaugurado e está quatro vezes maior. Agora, a cultura piauiense tem à disposição um espaço de eventos com infraestrutura moderna e versátil, com capacidade para 10 mil pessoas e até nove eventos paralelos.

O teatro é o grande destaque e o coração do novo CCT, por isso também cresceu e é o maior e mais moderno do Piauí. Com capacidade para 1.200 espectadores, é ideal para shows, peças teatrais, apresentações artísticas, culturais e intelectuais.

Agora você já sabe onde vai ser o seu próximo espetáculo! Solicite uma pauta pelo QR-Code abaixo e se prepare para o sucesso de público e de crítica. Afinal, o novo Centro de Convenções de Teresina é do tamanho do seu talento.

ppp PIAUÍ | TURISMO Secretaria de Estado do Turismo / SETUR | Piauí GOVERNO DO ESTADO

SABOR É DOCUMENTO

Unindo humor e gosto pelo empreendedorismo, cearense vira sucesso com crepes em formato de pênis.

POR OHANA LUIZE

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em alguns países orientais são comuns festivais e rituais que envolvem a população na interação com pinturas, esculturas e objetos fálicos e na reprodução de imagens de órgãos sexuais nas ruas. Seja por motivos espirituais ou culturais, esses eventos costumam celebrar a saúde, fertilidade, harmonia e incentivar a felicidade entre casais.

E foi após conferir um vídeo na internet de um festival realizado na Indonésia, com pessoas comendo produtos em formato de pênis, que surgiu a ideia de Glaucyelen Leite, 27, de trabalhar com um produto do mesmo estilo no Brasil. No entanto, o humor e a curiosidade seriam o impulso desse ritual alimentício.

Delicada, apaixonada, enganosa, consolo, comportadinha. Seja qual for a sua preferência, Glaucyelen garante, em Fortaleza, capital do Ceará, opções em 16cm de sabores tradicionais ou especiais. "Um negócio diferenciado. A primeira do Brasil, querida. Porque ela não é fraca não". A ostentação do anúncio é uma frase da primeira postagem do perfil no Instagram da loja Xibata 16cm (@xibata16cm). São mais de 26 mil seguidores.

Inaugurado em dezembro de 2021, o empreendimento é sucesso em Fortaleza e passou a despertar curiosidade pelo país, com o formato sugestivo de seu principal produto. Com o bom humor reconhecido de sua terra, Glaucyelen não duvidou que a ideia daria certo. Fisioterapeuta, ela trocou de profissão apostando que "se a gente faz graça de coisa pouca, quem dirá de uma coisa dessas".

Mas se a piada parecia pronta, a receita certa não era assim tão fácil. Glaucyelen teve dificuldades para equipar o negócio, encontrar máquinas e panelas com o formato que buscava. Chegou a encomendar algumas peças, mas acabou importando a primeira máquina da China em um processo que durou quase três meses na logística. Sem muito dinheiro para montar o negócio, ela conta que confiou na intuição e nas experiências. "Eu vendia brigadeiro e beijinho nas feiras aqui de Fortaleza, para me formar. Nunca gostei de esperar. Então aprendi muita coisa sobre marketing na rua".

As primeiras receitas da Xibata 16cm foram sendo testadas em casa, com ajuda de uma irmã e chamando os conhecidos para provas de sabor. Atualmente são 12 opções com ingredientes como confetes, granulados, coberturas em formato de coração, bolinhas, glitter e com opções de recheio de brigadeiro ou beijinho. Os nomes instigam brincadeiras de cunho sexual acompanhados da palavra xibata, muito presente no vocabulário local e que pode significar chicoteada, lapada, porrada e ainda dá nome ao órgão sexual masculino.

"Eu nunca saí do Brasil. Então as receitas são criações minhas. O que já ouvi de clientes que comeram algum crepe desse tipo pela Europa, por exemplo, é que lá eles fazem mais para usar em fotos. Já o meu crepe, além de engraçado, é muito gostoso", diz Glaucyelen, certa de que seu doce deixa todo mundo de água na boca.

PRECONCEITO NÃO ENTRA

Jovem e comunicativa, Glaucyelen se declara cristã e diz que é do meio evangélico desde criança. Para ela, tratar de temas relacionados à sexualidade deveria ser natural, mas reconhece que a sociedade ainda reproduz padrões conservadores.

"Muitas pessoas já me falavam que teria gente para atirar pedras, olhar com cara torta. Mas eu sempre respondi e ainda digo que essas pessoas não são meu público. Vou até quem gosta de brincar, de rir, de melhorar o dia de alguém. Já ouvi clientes falando de como o dia estava ruim e alguém deu uma xibata e o dia melhorou. Isso é gratificante". A dona da loja também aparece nas fotos de divulgação do negócio.

Assim como os crepes, a loja física tem cores vibrantes, que também são usadas nas redes sociais e na logo. Nas paredes do ambiente, frases que alimentam a expectativa: "O tamanho ideal que você precisa". O público frequentador da loja ou que realiza pedidos para entregas é variado, mas a dona da Xibata garante que preconceituosos e caretas não entram, apenas quem tem mente aberta.

O empreendimento, apesar de existir há poucos meses, ganhou o público e o olhar da mídia local. Glaucyelen afirma que o sucesso a ajudou a desconstruir preconceitos e permitiu que ela pudesse falar das intenções das brincadeiras e do modo popular de vender seus produtos. Ela acredita que o negócio tem proposta que

> VOCÊ NÃO TEM NOÇÃO DE COMO O ATO DO CLIENTE COLOCAR NA BOCA UM DOCE EM FORMATO SUGESTIVO PODE QUEBRAR TABUS. GLAUCYELEN LEITE

torna fácil inserir assuntos de sexualidade nas conversas e no cotidiano. "Percebo que estamos trabalhando com cultura, pois você não tem noção de como o ato do cliente colocar na boca um doce em formato sugestivo pode quebrar tabus nessa sociedade".

XIBATA DE OURO

O produto mais vendido da loja é o crepe xibata de ouro, chamado carinhosamente por alguns clientes de "troféu". A opção é coberta com pó dourado e recheio de brigadeiro ou beijinho, mas o cliente pode preferir também a variação de cobertura com pó na cor ouro rosé. No início, as vendas na loja física chegavam ao máximo de 10 crepes por noite. Com o reconhecimento do público, Glaucyelen conta que essas vendas passam de 50 diariamente na loja física, e ainda fazem encomendas e pedidos de entregas.

A loja oferece também os crepes em formato de vagina, chamados xibiu. Mesmo com o entusiasmo, Glaucyelen é cautelosa e reconhece os perigos do sucesso rápido e, por isso, tomou cuidados como o registro da marca e profissionalização da equipe. "Temos os dois produtos na loja, mas o xibata é o que vende mais. É o nome da loja, aquela que eu vejo como um sonho pequeno, mas que já enxergo enorme lá na frente", diz.

SERVIÇO

Endereço: Avenida Presidente Castelo Branco, 2794, Pirambu, Fortaleza – Ceará;

Atendimento presencial: a partir das 18h; de quarta a domingo;

Entregas em Fortaleza-CE: de quarta a domingo, os pedidos são aceitos no horário de 13h às 16h por ligação para o telefone 85 9636 4344;

Preços: entre R$ 12,00 e R$ 15,00.

colchaoonix.com.br

Extremamente confortável, Extremamente confiável, Extremamente ONIX.

colchaoonix

Av. Pedro Freitas, 4000, Tabuleta
CEP: 64019-734 - Teresina - PI
VENDAS: 86 3131.6300 3131.6427 (FAX)
E-mail: vendas@socimol.com.br

COLCHÃO Onix®

ISO

PASOLINI, 1922-2022: DISPOSIÇÃO, ESPIRAL E LUTA

As fotografias do corpo e do rosto lacerados de Pier Paolo Pasolini depois de seu assassinato, em 02 de novembro de 1975, engendram alguns desafios à quem as observa: a reparar-se que, ali, diante de uma reinvenção e supressão das formas o que se tem é o que Catherine Malabou entende como a confirmação de uma "plasticidade destrutiva e explosiva", de um lado, e o que Walter Benjamin considerava como uma construção repetitiva da vida moderna, resultado do impasse de que "a violência que mantém o direito é violência que ameaça", de outro. Catherine, por exemplo, lembra de **Le thèorème de Almodovar** (2009), livro de Antoni Casa Ros, quando este, depois de sofrer um acidente automobilístico – um cervo na estrada, a morte imediata da companheira e o rosto completamente desfigurado –, diz que seu rosto ganhara um estilo cubista e que Picasso o odiaria porque ele é a negação da invenção do pintor catalão. Anota, assim, que não passa de uma fotografia mexida que, de alguma maneira, pode fazer lembrar um rosto.

A questão para Catherine Malabou é, fundamentalmente, a projeção que se tem da "fina casca do ser para a morte" entre os termos *plastic* e *plastique*, da língua francesa, que se remetem diretamente à explosivos de matéria plástica: uma ontologia do acidente. Depois, uma pertinência em torno da sugestão de um sujeito, ser ou personagem, que, agora, lacerado por um crime de lesa vida, pode, ao mesmo tempo, ser a "vítima da implacável necessidade trágica", "um personagem irreconhecível" ou uma mera "vala profunda aberta na biografia". É a falta contundente de um outro, quando e onde um outro falta exatamente porque não há mais, desde o fenômeno do capitalismo com um trabalho silencioso de repetição e reprodução. Supressão, indiferença, frieza (características já denunciadas por um poeta como Bertolt Brecht), operam uma metamorfose em que qualquer alteridade se dispersa na ausência absoluta de transcendência. E isto, lembra Raúl Antelo, recuperando Benjamin, porque o capitalismo representa uma teologia além da teologia e, sobremaneira, porque produz e *gera* (este termo que vem dos usos industriais e assume um lugar afetivo na vida ordinária, como se fosse sinônimo de invenção, tal como os vocábulos *ação*, *investir* e *mapa* para as relações amorosas são inócuos) um pensamento da reprodução que contempla apenas a forma da reprodução, não questionando mais o que, em verdade, vai ser reproduzido. A teologia do capitalismo e da cultura de massas desenvolvida por Benjamin, diz Raúl, é uma teologia da reprodução além da questão do original. Assim, ela produz uma forma de teologia aparentemente elevada e não mais passível de crítica.

Se seria possível pensar numa execração de sudário, acrítica, que se figura no lençol branco que recobre o rosto e o corpo de Pasolini, ali, ainda no chão, em Óstia, muita gente ao redor – "não é possível compreender a frieza dos assassinos ou a indiferença dos espectadores" – , desmontando um pouco a ideia frágil e fóssil de "un giallo", se pode começar também a perceber a metamorfose de uma condenação anterior que tem a ver com uma rigidez de pensamento sempre movida por derivações que se arrastam também a um quase moralismo oscilante entre cerimonial e frenético, é o caso do tratado antipedagógico **Genariello**, por exemplo, e por causa da composição que amalgama *Eros*, catolicismo e marxismo (o crítico mexicano Christopher Dominguez Michael afirma que Pasolini foi o único poeta definitivamente marxista do século 20 do qual se teve notícia) num contra movimento incessante para anular, até o impossível, qualquer ideia de poder. E isto através de um debate e de um debater-se (assim, nunca num enunciado, mas sempre em enunciação, porque também e principalmente com o corpo), numa luta, mesmo que em retardo, mas em espiral, e que se empenha para enfrentar a indolência e a indiferença. Pasolini projeta essa luta naquilo que nomeia, convicto, como uma "luta retardada". E é essencial lembrar ainda que, para ele, o moralista é, invariavelmente, quem olha o mundo apenas apontando o dedo para os outros, ou seja, lei, violência e juízo; e que quem defende uma moral tenta, minimamente, olhar antes a algum si mesmo,

oscilante e inseguro, sem apontar nada a ninguém.

São essas formas de subjetividade pós-traumáticas, que envelheceram jovens e que não morreram da velhice de sua juventude, por sua vez, caso clássico de Marguerite Duras, que Catherine entende como "figuras inéditas do vazio ou da deserção identitária, que escapam à maioria das terapias, à psicanálise em particular." Essas figuras advêm de uma existência que continua o tempo inteiro apenas sobrevivendo condenadas a recaírem sempre em si mesmas, sem fuga possível, e que até passam por transformações, mas sem sair do lugar. E isto porque, diz ela, com muita clareza, como uma disjunção extensiva do capitalismo, só há um mundo, o mundo, este, sem dentro e sem fora. Até porque, sabemos, imaginar uns mundos, outros mundos, particulares ou singulares, é exatamente cumprir o que o sistema financeiro que nos rege quer, sugere, impõe.

Noutra ponta, é neste O MUNDO, se coletivo e comum, que toda modificação que se faça é mais radical, mais violenta, mais fragmentada. Daí que ela entenda que a pior dissensão de um sujeito consigo mesmo, que o mais grave conflito, não tem nem mais figura trágica. E que tudo isso é, num paradoxo, marcado pela indiferença e pela frieza. Daí que Pasolini procurava cumprir, o tempo inteiro, uma ideia de existência e sobrevivência, não apenas para a específica conquista dos direitos civis (exemplo crasso da luta em retardo), mas sim de como exercer e exercitar tais direitos, porque lia essa questão não como um problema social de comportamentos díspares, mas sim de cultura. Tanto é que ao considerar os seres humanos como "pobres bestas", uma convulsa e sempre desesperada constatação, arremessa um contraponto singular de que os direitos da vida, se são os atos cumpridos em anonimato todos os dias, como uma religião, estão circunscritos a uma inércia e estagnação meramente repetitivas.

Essa enunciação é explicitamente anotada numa conversa pública com Alberto Arbasino (1930 – 2020), quando este lhe interpela, em novembro de 1969, em **Il tempo**, acerca das ideias de Walter Benjamin, que supostamente Pasolini não lera ainda, em torno da mercantilização da cultura e suas conexões com a práxis social capitalista. A inferência anotada por Arbasino é a de que Benjamin propõe pensar se a contestação, tal como a cultura, é imediatamente fruída no movimento em que atua. Como se entendesse que toda cultura é apenas mercadoria, produto, salão. Pasolini replica dias depois reclamando que não há necessidade de citações ou peças de apoio para expressar essa noção que, segundo lhe consta, é reafirmada em si mesma, daí que a repita, textualmente: "a contestação, como a cultura, é imediatamente fruída no momento em que atua." E isto porque percebe que a "contestação não chega a se tornar revolução, ela é integrada: mas isso é trágico." Importante atentar que Benjamin considerava a revolução como uma condição-limite da consciência de classe, isso se uma ideia de classe não se perde numa manobra de massa, *classe* diferente de *massa*, quando a "consciência" é apenas aquilo que também, e melhor, se adequa à mercadoria; não à toa é um pensador da crise e da reprodução.

Tanto que no pequeno ensaio **Experiência e pobreza** (1933) já apontava para o surgimento de uma forma de miséria que adviria do monstruoso desenvolvimento do capitalismo narcótico que se lança sobre o frágil e minúsculo corpo humano. Raúl Antelo ao comentar esse ponto de insurgência de Benjamin, diz que "A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto, como previram tanto Carl Einstein quanto Walter Benjamin, unificam-se completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas pelos avatares da vida diária, impõe-se uma saída limpa e justa, ultra-teológica. *Tomando como exemplo a universidade*, diz que há novos laços, virtuais porém imateriais, em que se prima, como diz Fabián Ludueña, por uma agregação sem coesão e por uma conexão sem comunidade." Raúl lembra ainda de algumas intervenções mais recentes de Giorgio Agamben, "exasperando a opção tecno-virtual como alternativa parangonável com o pacto fáustico de Mussolini, mero avatar do dilema de Benjamin de 1936, estetização da violência com o fascismo *versus* politização da experiência com o comunismo, não fizeram mais do que reabrir a questão da reprodução como ameaça." (ANTELO: 2021, p. XX) Esta discussão não saía, em nenhum momento, da mira de Pasolini, ainda que insistisse num estatuto da semiótica para reorientar a linha difusa e tênue do *filme*, como um conceito cinematográfico-linguístico – nunca de fronteira, mas de limiar, numa contraposição equívoca –, entre código e realidade, o que é bem o caso do filme **Teorema** (1968), que gira muito em torno da existência como mera futilidade. Noutro sentido, importante reparar que é dessa mesma contraposição equívoca que advém uma mágica e encantada ideia de Pasolini: a de que *cinema não é imagem.*

OBS: uma versão ampliada desse texto será publicada em livro organizado por Cláudia Alves e Maria Betânia Amoroso, em torno do centenário de nascimento de Pier Paolo Pasolini, no segundo semestre de 2022.

ISAQUE DE MOURA

MINHA ALMA AGONIZA EM QUEDA LIVRE

Eu achava que ele não existia. Que não passava de uma metáfora bonita para descrever o quadro típico de uma doença sem cura. Mas, ontem, após uma crise depressiva profunda, despertei aturdido de um sono pesado. E vi, em sonho, a imagem do cachorro preto (*blackdog**).

O cachorro preto me apareceu como uma mistura de cão e lobo. Seu pelo era áspero e os seus dentes, afiados – o bastante para me fazer em mil pedaços. Ele me rondava obstinadamente, esperando a hora certa de me atacar. No fundo, eu sabia que não tinha escolha. Quanto mais eu tentava fugir, mais rápido o filho da puta se aproximava. A qualquer momento ele me esfacelaria com as suas presas. Era só uma questão de tempo.

O cão-lobo parecia disposto a arruinar a minha vida. E fazia isso da maneira mais covarde e violenta possível. Mesmo em sonho, eu era incapaz de lutar contra ele. Tudo indicava a iminência de um esmagamento brutal. Seu olhar me dizia expressamente "o que quer que você faça, eu não vou deixar você sair vivo dessa". A derrota era inevitável. Afinal, no meio da noite, o despertar me surgiu como um escape. Agora, acordado, eu sentia que podia estar a salvo de seu ataque. Nada disso, no entanto, era o bastante para me manter protegido de sua sombra.

Bem, o que posso dizer? Sobreviver com a depressão tem sido um desafio devastador. Há dias em que não apenas a minha existência se confirma absurda, como tudo ao meu redor parece desabar. O que

ASSIM, VOU MORRENDO POR ETAPAS. O TRABALHO SE APRESENTA UM SUPLÍCIO DELIRANTE. AS CRISES SÚBITAS DE HUMOR ME AFASTAM DAQUELES QUE AINDA ME TÊM ALGUMA ESTIMA.

resta é somente o silêncio, a ausência e a dor. Nunca sei até que ponto serei capaz de suportar. De qualquer maneira, o que faço é seguir o fluxo do tempo, tentando segurar o peso que carrego nas costas. Todas as minhas escassas energias são voltadas para me defender das investidas do cão-lobo. E ele sempre parece mais forte e mais cheio de importância.

Só Deus sabe o quanto tenho tentado. Mas uma hora você se cansa de levar tanta porrada. E então fica difícil não se deixar entregar.

Acordar, todos os dias, é lidar cara a cara com o desespero de uma vida expropriada de qualquer significado. O tédio é a única perspectiva possível. A desesperança é o verdadeiro domínio. E eu estou exausto.

Assim, vou morrendo por etapas. O trabalho se apresenta um suplício delirante. As crises súbitas de humor me afastam daqueles que ainda me têm alguma estima. Do mesmo modo, a letargia e o embotamento afetivo alcançam as últimas fronteiras de qualquer senso de humanidade. Meus amores morrem por inanição. A solidão declina sobre mim.

A vontade de chorar também é recorrente. Preciso me controlar para manter o mínimo equilíbrio. Porém, é difícil arranjar forças para sustentar mais uma fraude emocional; estampar um sorriso quando tudo o que se sente são os estragos de uma tristeza que não se deixa esvair. Meu sono se converte num completo desastre e o meu apetite se torna cada vez mais rançoso. Todos os meus interesses foram por água abaixo. Além disso, o sexo não passa de um refúgio; busco desesperadamente preencher em outros corpos o vazio que transborda do meu. Minha alma agoniza em queda livre.

Entupiram-me de antidepressivos. Como se isso fosse me ajudar de alguma forma. Acho que o grande problema de começar a se medicar desenfreadamente é que você perde as referências de si mesmo. Deixa de compreender os mecanismos mais simples. Sua essência é atropelada por processos químicos que manipulam as frágeis estruturas de sua mente.

De vez em quando, alguém tenta dar apoio. Eles nunca sabem o que dizer. Às vezes, insistem em frases como "você precisa ser forte" ou "você precisa encarar a realidade", como se isso dependesse apenas de mim. O cão-lobo me impede de ouvir qualquer coisa. Seus latidos ou uivos ressoam nas mais altas frequências.

Tento me reconhecer, resgatar as memórias de quem eu fui, do que fiz, mas tudo parece inacessível. O cão-lobo roubou as minhas melhores lembranças. E no lugar delas despejou a angústia, os pensamentos negativos e um medo desolador. O que me resta, diante de tudo, é recolher os estilhaços. Abaixar a cabeça e aceitar o sofrimento.

Tanto faz. Estou me desfazendo de muitas coisas, inclusive de mim mesmo. Vejo de perto a minha vida desmoronar. "Não consigo", é tudo o que sei dizer. Estou definitivamente no meu limite.

Seja como for, viver já não é mais uma opção. E quando viver deixa de ser uma opção, você compreende, enfim, que o seu lugar não é mais aqui. ®

---

* *Blackdog* foi uma expressão criada pelo escritor inglês Samuel Johnson, em 1780, para descrever o seu sofrimento com o transtorno depressivo. Mais tarde, foi difundida pelo estadista britânico Winston Churchill e, desde então, passou a ser assim popularmente denominada.

AS 10 DICAS
MORENA CAYMMI

FOTO RÔMULO FIALDINI

PIAUÍ O meu melhor e mais confortável berço, onde a felicidade sempre pareceu mais perto ou mesmo verdadeira.

SÃO PAULO Uma cidade que é a cara da fome, do desespero, do desemprego e do sem ter onde dormir. Ao mesmo tempo é a cidade da festa, da explosão da cultura, daquele show especial que você queria muito. Quando aprendi a gostar, quando tive oportunidade, ela também me fez confortável pra ser quem eu sou.

UMA LEMBRANÇA DE INFÂNCIA A farinhada da minha família em José de Freitas. A colheita, o corte e o descascar da mandioca, a casa de farinha cheia de tia e tio, o catitu truando, mulheres lavando massa, mil panelas de cozido pra alimentar e o cheiro de beiju no leite de coco babaçu ficando pronto.

UM DISCO DA GAL Amo o que o futuro fez com o "Cantar", de 1974. Hoje ele é um primor pra quem ama muito Gal Costa - no passado foi um terror. E a gente nunca vai entender, pois o disco é impecável.

UM DRINK Dry Martini é certeiro. Se ele é bem feito, seco e gostoso, com apenas dois você já tá boa. Daí é só petiscar uma coisinha, dar um beijo de boa noite nos amigos e pedir o Uber.

UM TEMPERO Qualquer comida é muito mais que comida se tem pimenta de cheiro.

GABRIELA, CRAVO E CANELA O livro é incrível, como toda obra de Jorge Amado. A novela também, com personagens marcantes. Mas vocês já viram as cenas da Sônia Braga tomando banho no filme do Bruno Barreto? Mudou minha vida! Muito cabelo, os seios, a moqueca na panela. A trilha sonora é uma obra-prima. É Tom Jobim e Gal Costa o tempo todo.

CIDADANIA É Poder ter o direito de trabalhar naquilo que sou boa, pagar meus impostos, tomar meus hormônios pela rede pública, minha certidão retificada. O aluguel pago, ir e vir no transporte público, a minha segurança, minha saúde, ter comida todo dia e votar em Erika Hilton e Malunguinho.

LINN DA QUEBRADA Uma das maiores referências LGBTQIA+ da minha geração. Foi com a Lina que descobri o hormônio que eu poderia tomar e os efeitos dele. Foi a Lina que cantou e falou tudo que estava guardado em mim. Foi a Lina que entrou na casa da minha mãe em horário nobre e a encantou. Uma oportunidade única para as famílias deste país.

RECEBER BEM, É Identificar desejos e produzir outros. É acolher, ter empatia, fazer o outro se sentir especial. É carregar com você o próprio lugar.

LIVRO

HISTÓRIA, SENTIDO E ACONTECIMENTO: NARRATIVAS

ORGANIZAÇÃO:
EDWAR CASTELO BRANCO,
MARCUS PIERRE E CASSIO BORGES

A história é o objeto de um tempo saturado de agoras. Essa máxima, de Walter Benjamin, sintetiza os textos que compõem o livro "História, sentido e acontecimento: narrativas", organizado pelos professores Edwar Castelo Branco, Marcus Pierre e Cassio Borges. São 16 textos de doutorandos do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da UFPI e de professores convidados das Universidades Federal do Pernambuco, Estadual da Paraíba, Estadual do Piauí, Federal do Delta do Parnaíba e Federal do Ceará. A capa é do artista Antônio Amaral e expressa a ideia central do livro: a história, tal qual o novelo da bordadeira, são os gravetos/acontecimentos com os quais o historiador, como o passarinho, forja seu ninho - a narrativa histórica.

O livro está à venda no site da editora Cancioneiro:
www.editoracancioneiro.com.br

FILME

UCRÂNIA EM CHAMAS

DIREÇÃO: IGOR LOPATIUK
PRODUÇÃO: OLIVER STONE

Lançado em 2016, *Ucrânia em chamas* busca explicar, com informações em profusão, a revolução colorida da Praça Maidan, em Kiev, em 2014. Dirigido por Igor Lopatiuk, amigo de Oliver Stone (que é o produtor executivo e entrevistador, no filme), o documentário ganha relevância após os acontecimentos recentes no Leste Europeu. Com farto material documental, revela que houve o "dedo" dos EUA no processo de derrubada do governo ucraniano dois anos antes, e traduz o conflito de então a partir da complexa história da região. Para quem quer informação que vá além da cobertura jornalística atual, é uma excelente pedida. Ucrânia em Chamas está disponível gratuitamente no YouTube - chegou a ser derrubado pela plataforma, mas basta colocar na busca que aparece, inclusive legendado.

LIVRO

E OS GATOS QUANDO OS DIAS PASSAM

THIAGO E.

Os gatos quando os dias passam é o mais recente livro de Thiago E, editado pela 7Letras. Segundo o IBGE, o Piauí é o estado brasileiro que mais possui casas com gato. Os poemas foram escritos ao longo de vários anos, enquanto Thiago E ia observando, convivendo e fotografando esses felinos. O autor "fotógato" faz diálogos com a música, com o haikai, com o sonho, e aponta o olhar dos gatos para o interior de quem lê. E fazendo-nos lembrar que as pessoas trazem a felinidade dentro de si, pois, para crescer, imitam gatos, engatinham. E "engatinhar" também significa estar sendo iniciado em arte, ciência etc. Quer ampliar a percepção? Que tal engatinhar?

PEDALADA DO BEM
TERESINA • 2022
"O MAIOR PASSEIO CICLÍSTICO DO BRASIL ESTÁ DE VOLTA ÀS RUAS DE TERESINA"
VEM VIVER ESSA EMOÇÃO COM A GENTE
15 DE MAIO
#EU VOU
@PedaladadoBemOficial
Aponte a câmera do celular para o QR CODE e saiba mais
Realização:
ARMAZÉM Paraíba
Sucesso em qualquer lugar

OLHOS NA PENUMBRA

para Jorgeane Costa

I
A omissão que nos
amputa o ócio

(não nos conta
a lenda épica)

entre tortuosos
caminhos que nos
destina a senda.

II
A digressão que nos
torna invisíveis

(sob musgos hibernais
de muros decadentes)

ante a culpa de um
condenado silente
à espera da morte.

III
Depreende-se
esse fantasma
que habita o silêncio
– como quem turva
as águas impuras –
no dilema e no feitio
das formas.

IV
meia-luz tudo é assombro,

(os olhos transidos e fixos
na passagem do tempo)

à meia-luz tudo é penumbra,
– a mão que corta, ignora
o escuro e a fotografia de Pound –

tudo se faz breu quando
se finda a noite na tua
pele nua.

V
A voz que evoca
o escárnio riso

– onde tudo para sob um
tempo imóvel –
gargalha na ínfima
ignota noite
que se esvai anímica.

REPOUSO

o dia se recolhe
na urgência dos mortais,
nos seus afazeres repetitivos.

à noite, à hora morta,
invade mansamente
a solidão daqueles
que divagam sem destino.

HOUSTON
HOUSTON
www.houston.com.br
@houston_oficial
@houstonbikeoficial
houstonbikeoficial

Esta revista respeita o Meio Ambiente
FSC
FSC® C081655
FLORESTAS PARA TODOS PARA SEMPRE
ESCOLHA FSC.®
Você é uma COR da nossa História
Ela foi impressa em Papel Certificado
HALLEY
Gráfica • Editora • Cartonagem